



「OBSERVATÓRIO
FEBRABAN 2022」

Mulheres, Preconceito e Violência

MARÇO 2022



FEBRABAN



METODOLOGIA E APRESENTAÇÃO



Período de realização

19 de Fevereiro a 02 de Março de 2022.

Amostra

Amostra nacional de 3.000 entrevistadas, representativa da população adulta brasileira de mulheres, de 18 anos e mais, das cinco regiões do País. Cotas de sexo, idade e localidade, e controle de instrução e renda.

Arredondamentos

Os percentuais que não totalizam 100% são decorrentes de arredondamento dos decimais ou de múltiplas alternativas de resposta.

Margem de erro

A margem de erro máximo estimada para o total de 3.000 entrevistados (Nacional) é de 1.8 ponto percentual para mais ou para menos, com a utilização de um intervalo de confiança de 95,5%, conforme tabela abaixo:

TAMANHO DA BASE	PERCENTUAIS PRÓXIMOS A								
	10%	20%	30%	40%	50%	60%	70%	80%	90%
100 entrevistas	6.0	8.0	9.2	9.8	10.0	9.8	9.2	8.0	6.0
200 entrevistas	4.3	5.7	6.5	7.0	7.1	7.0	6.5	5.7	4.3
400 entrevistas	3.0	4.0	4.6	4.9	5.0	4.9	4.6	4.0	3.0
500 entrevistas	2.7	3.6	4.1	4.4	4.5	4.4	4.1	3.6	2.7
800 entrevistas	2.1	2.8	3.3	3.4	3.5	3.4	3.3	2.8	2.1
1.000 entrevistas	1.9	2.6	2.9	3.1	3.2	3.1	2.9	2.6	1.9
1.500 entrevistas	1.6	2.1	2.4	2.5	2.6	2.5	2.4	2.1	1.6
2.000 entrevistas	1.3	1.8	2.0	2.2	2.2	2.2	2.0	1.8	1.3
2.500 entrevistas	1.2	1.6	1.8	2.0	2.0	2.0	1.8	1.6	1.2
3.000 entrevistas	1.1	1.5	1.7	1.8	1.8	1.8	1.7	1.5	1.1

PERFIL DA AMOSTRA NACIONAL

(POPULAÇÃO BRASILEIRA DE MULHERES)

IDADE



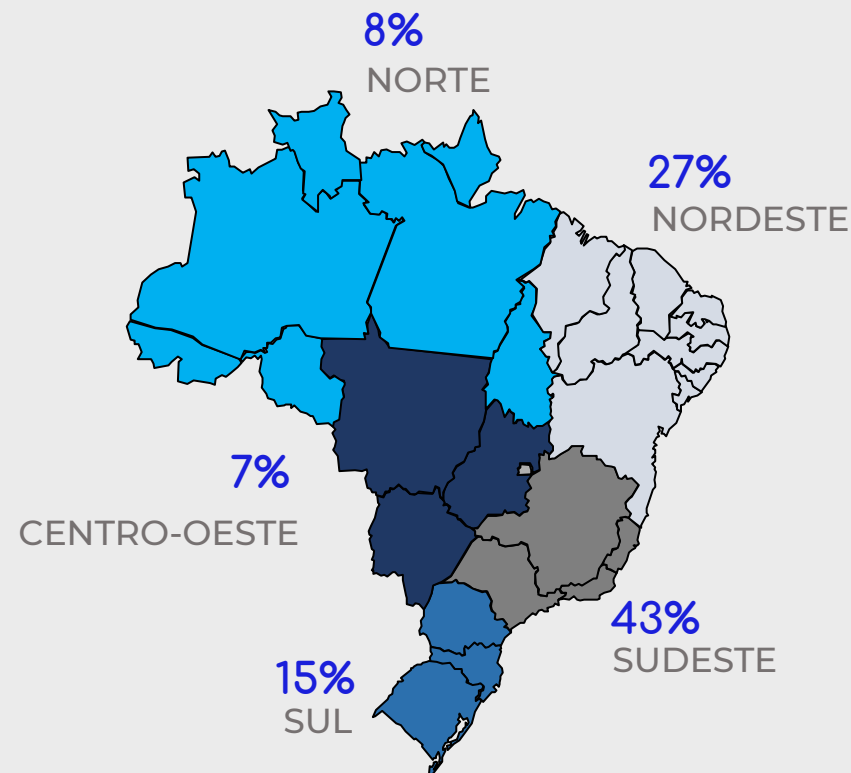
18 a 24 anos	19%
25 a 44 anos	44%
45 a 59 anos	23%
60 anos e mais	18%

INSTRUÇÃO



Até fundamental	44%
Ensino Médio	34%
Superior	22%

REGIÃO



RENDAMENTO FAMILIAR



Até 2 SM	48%
De 2 a 5 SM	32%
Mais de 5 SM	20%

PERFIL DAS MULHERES ENTREVISTADAS

COR/RAÇA



Branca	19%
Parda	44%
Preta	23%
Outras	18%

RELIGIÃO



Católica	42%
Evangélica / Protestante	31%
Espírita / Kardecista	6%
Candomblé/Afro	2%
Outra	6%
Não tem religião	13%

ESTADO CIVIL



Solteira	44%
Casada	43%
Separada	8%
Viúva	3%
Outro	3%

OCUPAÇÃO



PEA	62%
NÃO PEA	38%



01

INTRODUÇÃO

Mulheres, Preconceito e Violência

As mulheres no Brasil travam verdadeira “guerra” contra a discriminação, o preconceito e a violência de gênero.

Desde 2020, o mundo e o Brasil têm sofrido o choque provocado pela pandemia do coronavírus. Da saúde à economia, das relações interpessoais à educação, da segurança à proteção social, a sociedade brasileira tem sentido e refletido o impacto da socioeconômico, físico e emocional da Covid-19. Estudos e pesquisas evidenciaram que esses efeitos, longe de serem homogêneos, reproduziram e ampliaram desigualdades, e foram sentidos desproporcionalmente em diferentes segmentos sociais – entre eles, as mulheres.

Nesse mês em que se celebra o Dia Internacional da Mulher, o **Observatório FEBRABAN** se alinha aos esforços de investigar a situação das mulheres brasileiras e de combater o preconceito e a violência apresentando os resultados de amplo estudo que ouviu 3 mil mulheres em todas as regiões

do país. Nesse levantamento é superlativa, superior a 80%, a impressão de que os casos de violência contra a mulher aumentaram durante a pandemia da Covid-19. E embora a maior parte – acima de 70% – considere que os efeitos econômicos e profissionais da Covid-19, assim como aqueles sobre a saúde, tenham sido iguais para homens e mulheres, cerca de quatro em cada dez mulheres acreditam que os efeitos emocionais ou psicológicos foram maiores sobre elas.

Mas a pandemia não evidenciou apenas as desigualdades de gênero. Mostrou reflexos da luta das mulheres por espaço e reconhecimento; e também sua importância e protagonismo em várias esferas sociais, desde o espaço doméstico, passando pela ciência até as linhas de frente. Em 2020, o relatório “Covid-19: Um Olhar por Gênero”, do Fundo de População das Nações Unidas (UNFPA), indicou que 70% da força de trabalho da área da saúde no mundo são constituídos por mulheres. No Brasil, segundo dados do Conselho Nacional de Secretarias Municipais de Saúde (CONASEMS), esse percentual era de 65% no mesmo ano.

Essa centralidade da força de trabalho feminina não é de agora. Durante a Primeira Guerra Mundial, em toda a Europa, as mulheres substituíram os homens em vários postos de trabalho antes exclusivamente masculinos, convertendo-se em condutoras de bondes, funcionárias dos correios, distribuidoras de carvão, empregadas de banco, camponesas, e até operárias de fábricas de armamentos, tornando-se essas últimas "o símbolo da entrada das mulheres em um setor masculino", conforme declarou a historiadora Françoise Thébaud, autora da obra "As mulheres em tempos de guerra do 14". Tal mudança no ambiente de trabalho manteve-se no pós-Guerra com a feminização dos empregos nas fábricas, no setor terciário e nas profissões liberais, acompanhada por um avanço de direitos, mas em diferente ritmo de acordo com os países.

Ainda que a equidade salarial permaneça como um ponto crítico, o fato é que as mulheres desempenharam um papel fundamental no enfrentamento das mais diversas crises, em diferentes momentos históricos.

Os dados do **Observatório FEBRABAN** reiteram que, se

de um lado as brasileiras enxergam avanços na equidade de gênero, por outro, observam um quadro ainda grave, marcado pelo medo quanto à integridade física e mental, e do próprio direito primordial à vida. E mostram, especialmente, que em boa medida as mulheres no Brasil travam uma verdadeira "guerra" contra a discriminação e por seus direitos; em batalhas nos diversos *fronts*: trabalho, família, escola/universidade, relações sociais, entre outros.

É animadora a percepção de mais da metade das brasileiras que acreditam na melhoria da questão da igualdade de gênero nos últimos 10 anos no país. Por outro lado, oito em cada dez entrevistadas dizem-se insatisfeitas ou muito insatisfeitas com a forma como as mulheres são tratadas atualmente na sociedade brasileira. E quando são questionadas, diante de uma lista de temas, quais deles mais preocupam as mulheres no país, em primeiro lugar comparece a violência e o assédio cometidos contra a mulher, seguidos do feminicídio e da desigualdade de direitos e oportunidades entre homens e mulheres.

As brasileiras ouvidas compreendem a desigualdade de gênero como fenômeno que se estende a diversas esferas sociais, na vida pública e privada – trabalho, educação, espaço doméstico. Para elas, entre os principais indicadores de equidade de gênero numa sociedade, ocupam lugar central a distribuição de oportunidades nos aspectos profissional, salarial e educacional. Reciprocamente, entre os principais indícios de desigualdade estão a discriminação no mundo do trabalho (diferenças de salário e oportunidades); o maior peso, sobre a mulher, das responsabilidades domésticas (responsabilidade com a casa, a família e os filhos); e expectativas sociais diferentes dos papéis de homens e mulheres. Aspectos institucionais relacionados à proteção social e representatividade, como leis antigas e conservadoras em relação às mulheres e a proporção de mulheres na política, ainda são pouco citados pelas brasileiras como indicadores da desigualdade.

À luz desses indicadores de (des)igualdade, a avaliação sobre o cenário atual para as mulheres no Brasil é desfavorável. A grande maioria (acima de 70%) considera que

a situação é desigual entre mulheres e homens quanto a remuneração ou salários direitos e liberdade sexual. Na área educacional – fundamental para mudanças na estrutura de oportunidades em longo prazo –, o quadro é mais positivo, com seis em cada dez opinando que o segmento feminino tem as mesmas oportunidades de educação e qualificação que o masculino.

É predominante entre as entrevistadas o conhecimento da triste estatística que coloca o Brasil como um dos países que mais matam mulheres. Questionadas sobre os motivos para esses crimes violentos, cerca de um terço indica o machismo e um quinto aponta a impunidade ou falta de leis mais rigorosas. Num segundo patamar são mencionados aspectos comportamentais do agressor, fortemente relacionados à inferiorização e objetificação da mulher, especialmente na condição de parceira/companheira: ciúme, sentimento de posse, não aceitação do fim de um relacionamento, restrição à independência profissional, econômica, social ou intelectual da mulher; entre outros.

Em consonância com esses dados, mais da metade das brasileiras viram ou tomaram conhecimento sobre mulheres próximas que foram vítimas de situações de violência verbal, física ou sexual. Também passam da metade as que já foram vítimas ou já presenciaram alguma situação de preconceito ou discriminação contra mulheres: na rua, no transporte público; em festas ou locais de entretenimento.

Caracterizando a violência contra a mulher no Brasil, quase oito em cada dez respondentes indicam a casa como o lugar onde as situações de violência, ameaça e assédio ocorrem com mais frequência; e sete em cada dez citam pessoas próximas ou conhecidas como os principais agressores (notadamente atuais ou antigos cônjuges, companheiros e namorados).

Se esse quadro, por si só, já evidencia a situação de vulnerabilidade a que as mulheres estão expostas, ele se agrava quando metade declara que as vítimas não procuram

ajuda ou não denunciam. E isso acontece em função do medo, principalmente de represália ou perseguição, e também de serem desacreditadas.

Quando as lentes são colocadas sobre o ambiente de trabalho, expressivos 40% afirmam já terem sido vítimas ou conhecerem alguém que já sofreu algum tipo de assédio moral nesse espaço por ser mulher. Percentual semelhante também aponta assédio sexual. Em ambos os casos, apenas um terço das entrevistadas declaram que houve denúncia formal à empresa.

Questionadas sobre medidas jurídicas que devem ser tomadas contra os agressores, quase metade escolhe a punição mais dura, a prisão. Vale registrar o significativo nível de confiança na Delegacia da Mulher como órgão oficial de proteção a que as vítimas de violência devem recorrer, bem à frente dos demais citados.

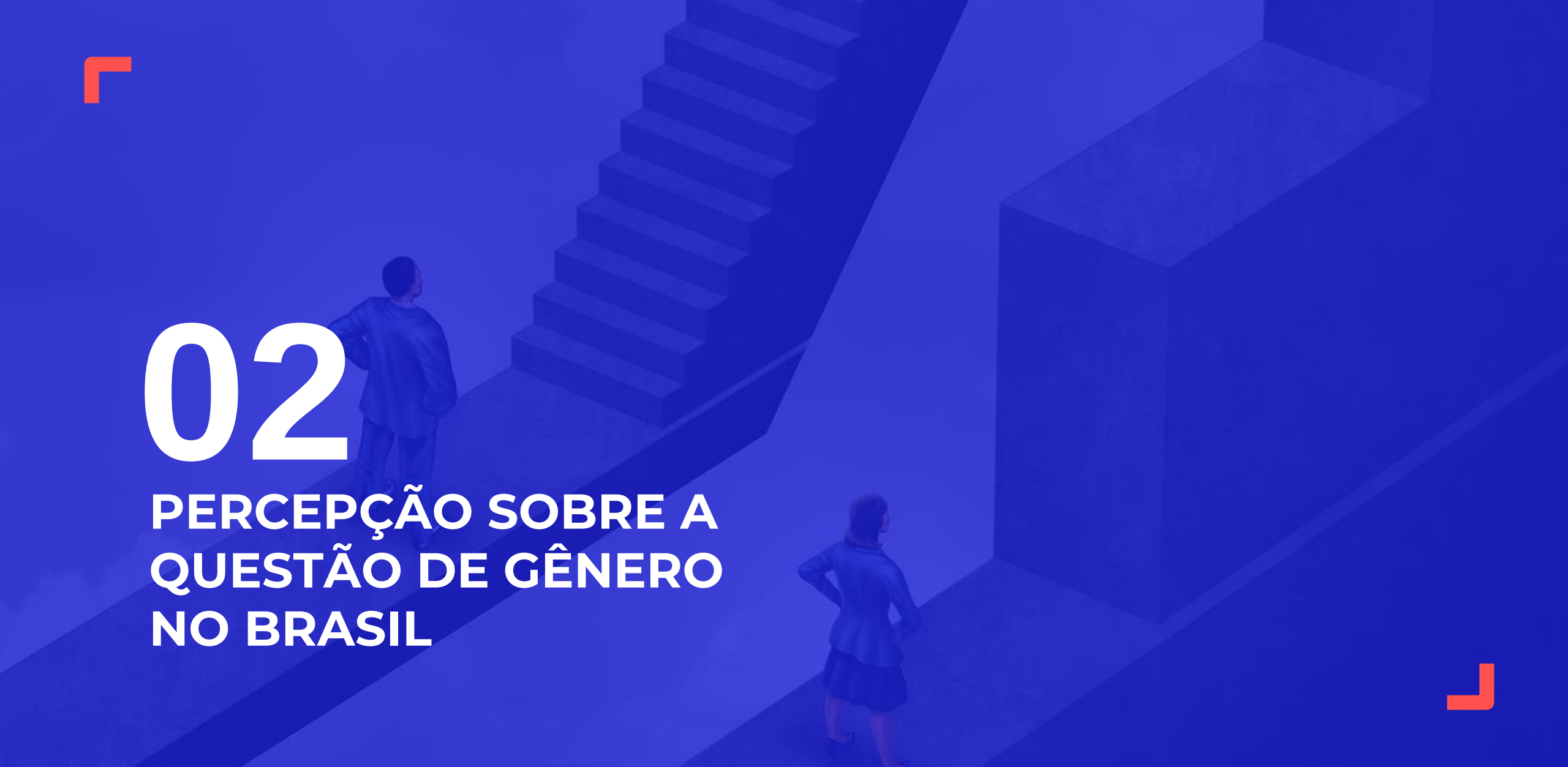
A existência de meios legais de proteção parece sustentar a percepção de melhorias quanto ao tema em debate: para sete em cada dez respondentes, as mudanças na legislação brasileira, como o surgimento da Lei Maria da Penha, têm contribuído ou contribuído muito para a igualdade e o combate à violência contra a mulher. A própria Lei Maria da Penha representa, para metade das entrevistadas, o maior avanço para o público feminino no País, seguida da conquista de direito ao voto e do maior acesso ao mercado de trabalho. Na mesma linha, há entre as brasileiras amplo reconhecimento – acima de 60% – do movimento feminista como fator de impacto positivo na busca pela igualdade de direitos e oportunidades para as mulheres. Por outro lado, quando questionadas sobre o efeito do feminismo em sua vida pessoal, esse percentual cai, ainda assim chegando a 56%.

Quanto ao futuro, a maior parte das brasileiras se mostra esperançosa: seis em cada dez mulheres acreditam que a questão da igualdade de gênero no Brasil vai melhorar ou

melhorar muito nos próximos 10 anos.

Além do combate à impunidade e a existência de leis mais rigorosas, as demandas para que isso aconteça passam pela maior representatividade naqueles espaços em que, como comentado, a distribuição de oportunidades ainda é desigual: 84% avaliam que as empresas deveriam ter mais mulheres integrando seus conselhos e 70% consideram insuficiente o número de mulheres que ocupam cargos políticos e na administração pública.

Por outro lado, grande parte parece esperar que essas transformações aconteçam por intermédio de mudanças espontâneas e conforme a lógica da meritocracia, em lugar do estabelecimento de políticas afirmativas. Questionadas sobre a definição de cotas mínimas nos conselhos das empresas e nos cargos públicos, 40% opinam que as empresas não deveriam intervir, deixando esse número a cargo da competência e merecimento das mulheres; e 55% consideram, sob o mesmo argumento, que o número de mulheres na política deveria ser espontâneo.



02

PERCEPÇÃO SOBRE A QUESTÃO DE GÊNERO NO BRASIL

Salários e oportunidades de trabalho iguais são os principais indicadores da equidade de gênero numa sociedade.

Salários e oportunidades iguais de trabalho (23%) são, para as entrevistadas, os principais indicativos de igualdade entre homens e mulheres numa sociedade. Diretamente associadas à vida profissional e à questão da representatividade, a formação educacional (21%) e a presença de mulheres em cargos de liderança nas empresas e na política (14%) também figuram como importantes indícios de uma sociedade igualitária no que se refere ao gênero.

Fora dos âmbitos profissional e educacional, o combate à violência contra mulher com a punição severa

dos agressores (15%) aparece como outro aspecto que evidencia o nível de equidade entre os gêneros, seguido da divisão do trabalho doméstico e o cuidado com os filhos (11%). Outros 5% das entrevistadas consideram a redução de normas conservadoras e preconceituosas em relação ao comportamento feminino sinal de igualdade entre homens e mulheres, sendo esse percentual um pouco maior entre as jovens de 18 a 24 anos (7%). A liberdade sexual aparece como fator de igualdade para apenas 2% das entrevistadas.

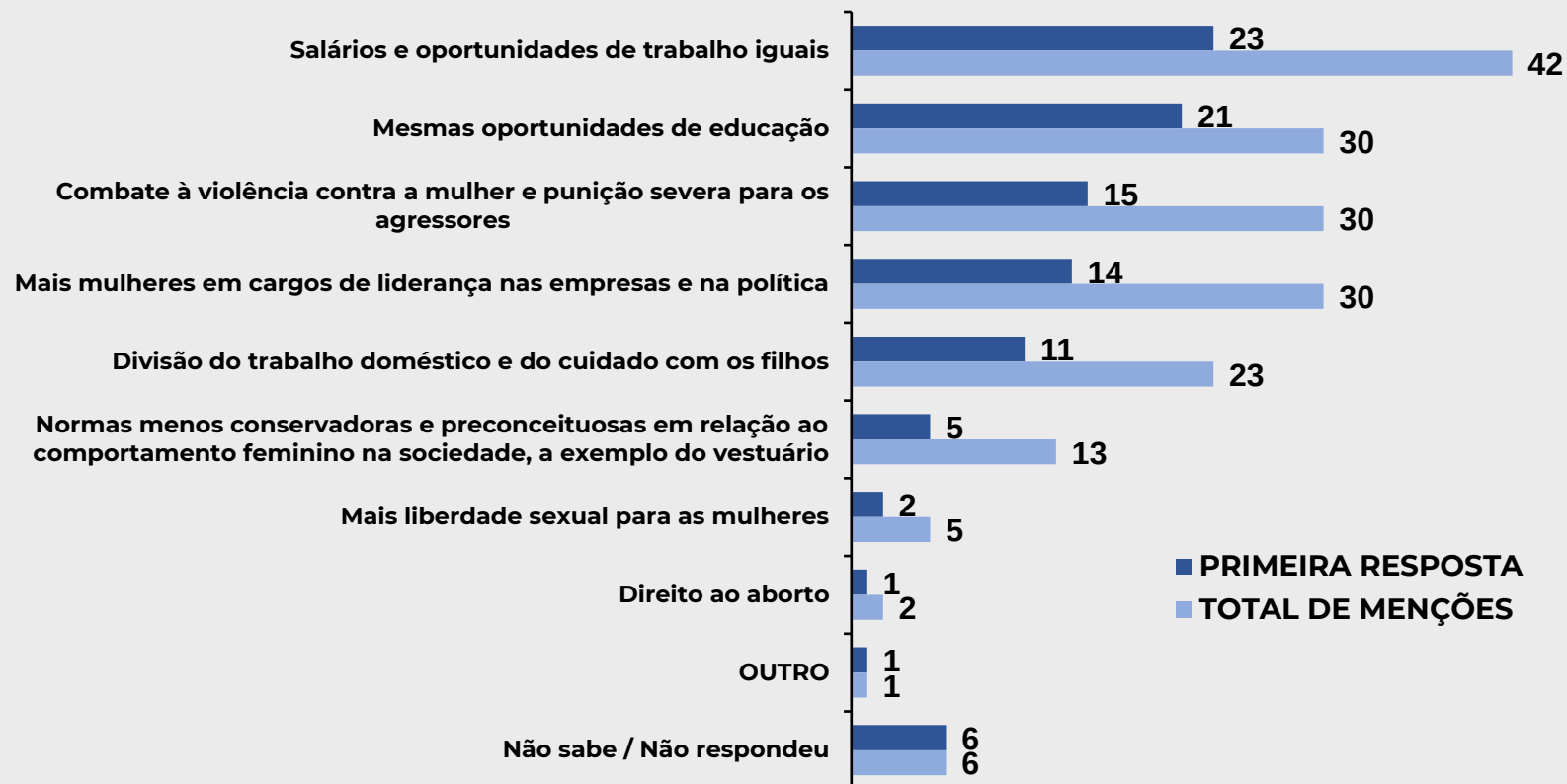
Quando abordados pelo viés da desigualdade (e não mais pelo da igualdade), alguns aspectos se destacam, em especial a discrepância de salários e oportunidades de mercado para homens e mulheres, com 35% das menções; seguido da citação à responsabilidade com a casa, família e filhos (20%). Outros itens que contribuiriam para a desigualdade de gênero são: o fato de a sociedade ter expectativas diferentes em relação ao papel de homens e mulheres (18%), a existência de leis conservadoras em relação às mulheres (10%), a presença de poucas mulheres na política (9%), as diferenças de nível educacional (2%) e questões religiosas (2%).

À luz desses resultados, e apesar de 56% das entrevistadas afirmarem que a questão da igualdade de gênero no Brasil “melhorou” ou “melhorou muito” nos últimos 10 anos, é possível entender o número superlativo

de 80% que se declaram insatisfeitas ou muito insatisfeitas com a forma como as mulheres são tratadas na sociedade brasileira. As mulheres pretas (89%) se mostram mais insatisfeitas do que as brancas (78%) e pardas (80%) em relação ao tratamento dado à mulher no Brasil.

No geral a sociedade brasileira é percebida como muito desigual entre homens e mulheres quanto a: remuneração e salários (82%); liberdade sexual (71%); e direitos em geral (71%) – é mais forte entre as mulheres solteiras (74%) do que entre as casadas (66%) a percepção de que elas não têm os mesmos direitos do que eles. Na contramão desses dados, 60% avaliam que homens e mulheres têm oportunidades iguais quanto à educação e qualificação no País.

Gráfico 1
INDICADORES DA EXISTÊNCIA DE IGUALDADE DE GÊNERO NUMA SOCIEDADE (%)



Pergunta: Quais desses itens mais indicam a existência de igualdade entre homens e mulheres numa sociedade? EM 1º LUGAR? / TOTAL DE MENÇÕES

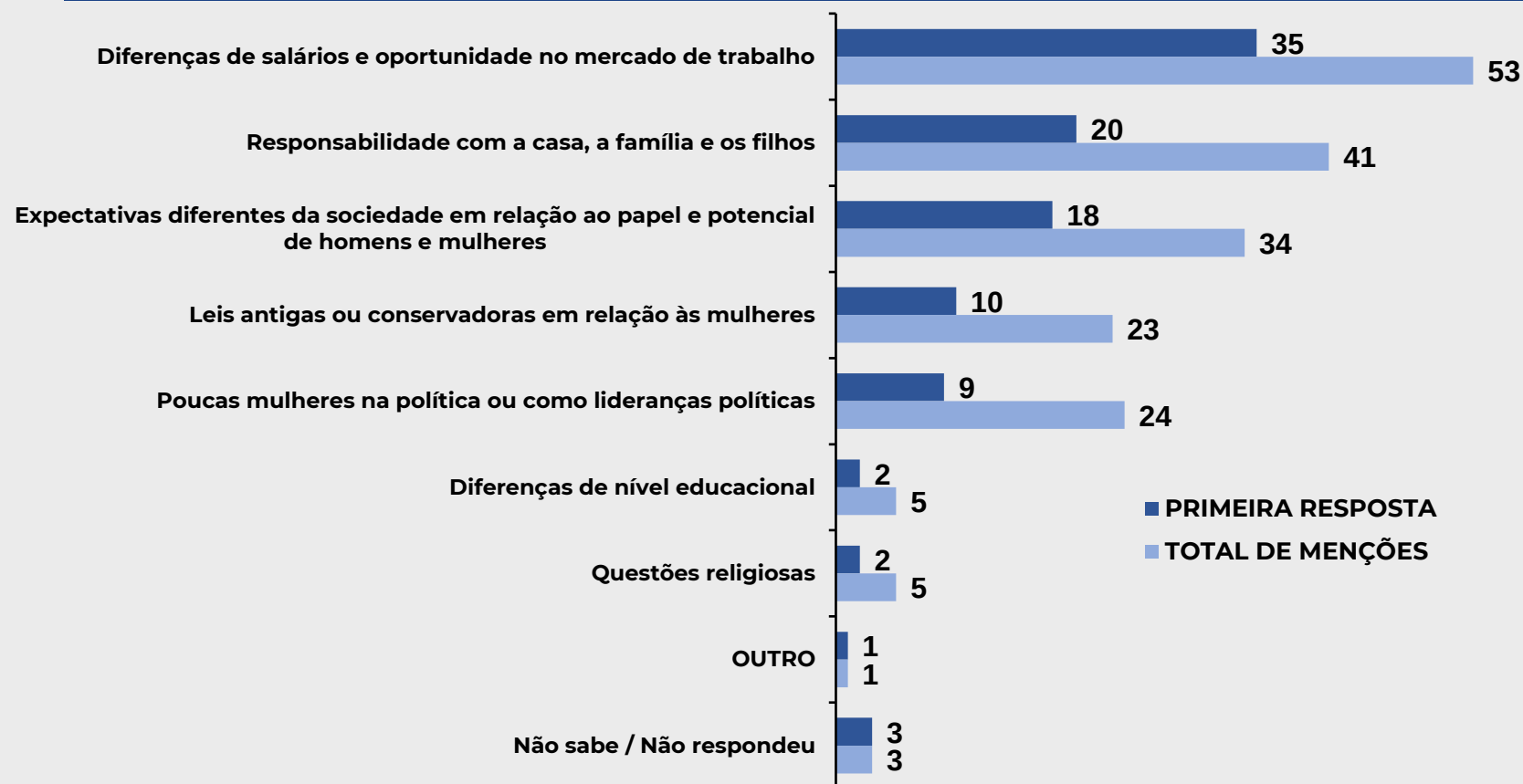
A maior percepção de que salário e renda são os itens que melhor indicam a existência de igualdade entre homens e mulheres encontra-se entre as entrevistadas de menor escolaridade.

Tabela 1
INDICADORES DA EXISTÊNCIA DE IGUALDADE DE GÊNERO NUMA SOCIEDADE (%) – PRIMEIRA RESPOSTA

(%)	TOTAL	IDADE				INSTRUÇÃO			RENDA FAMILIAR		
		18 A 24 ANOS	25 A 44 ANOS	45 A 59 ANOS	60 ANOS OU MAIS	FUNDA-MENTAL	ENSINO MÉDIO	SUPERIOR	ATÉ 2 SM	2-5 SM	+ DE 5 SM
Salários e oportunidades de trabalho iguais	23	25	25	20	23	26	22	21	24	22	23
Mesmas oportunidades de educação	21	21	23	23	16	20	22	23	23	19	22
Combate à violência contra a mulher e punição severa para os agressores	15	15	16	13	15	15	15	17	15	15	17
Mais mulheres em cargos de liderança nas empresas e na política	14	16	13	14	13	13	13	15	14	13	14
Divisão do trabalho doméstico e do cuidado com os filhos	11	8	9	13	16	11	11	12	10	13	11
Normas menos conservadoras e preconceituosas em relação ao comportamento feminino na sociedade, a exemplo do vestuário	5	7	4	6	4	4	6	5	5	6	5
Mais liberdade sexual para as mulheres	2	1	2	2	2	3	1	2	2	2	2
Direito ao aborto	1	2	0	1	2	1	1	1	1	1	0
OUTRO	1	1	1	1	2	1	1	2	1	2	2
Não sabe / Não respondeu	6	5	6	7	7	7	7	4	6	8	3

Pergunta: Quais desses itens mais indicam a existência de igualdade entre homens e mulheres numa sociedade? EM 1º LUGAR? / TOTAL DE MENÇÕES

Gráfico 2
ASPECTOS QUE CONTRIBUEM PARA A DESIGUALDADE DE GÊNERO (%) – PRIMEIRA RESPOSTA



Pergunta: Na sua opinião quais desses aspectos mais contribuem para a Desigualdade entre homens e mulheres? EM 1º LUGAR? / TOTAL DE MENÇÕES

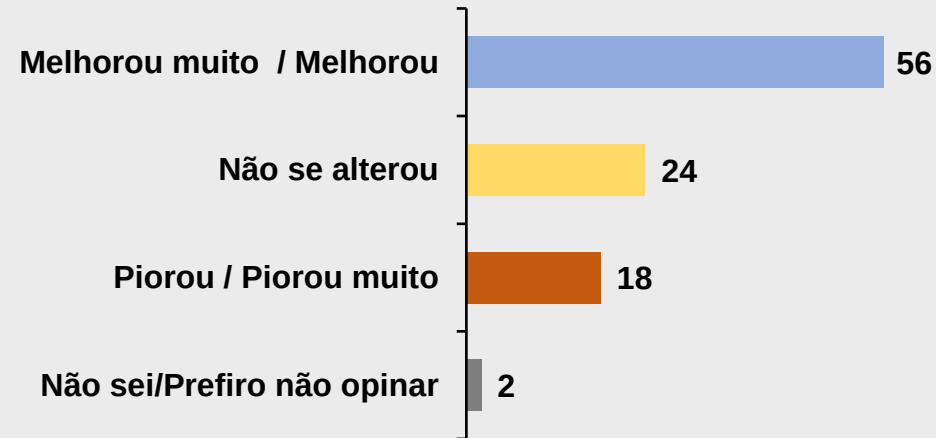
É especialmente na faixa etária de 45 a 59 anos que a diferença de salário e de oportunidades de trabalho surge como fator que mais contribui para a desigualdade de gênero. Em segundo lugar, o aspecto da responsabilidade com a casa, família e filhos pesa mais nas faixas etárias de 18 até 44 anos. E em terceira posição, as diferentes expectativa de papel dos homens e mulheres são mencionadas sobretudo pelas jovens de 18 a 24 anos, e pelas entrevistadas de maior instrução e maior renda.

Tabela 2
ASPECTOS QUE CONTRIBUEM PARA A DESIGUALDADE DE GÊNERO (%)) – PRIMEIRA RESPOSTA

(%)	TOTAL	IDADE				INSTRUÇÃO			RENDA FAMILIAR		
		18 A 24 ANOS	25 A 44 ANOS	45 A 59 ANOS	60 ANOS OU MAIS	FUNDA-MENTAL	ENSINO MÉDIO	SUPERIOR	ATÉ 2 SM	2-5 SM	+ DE 5 SM
Diferenças de salários e oportunidade no mercado de trabalho	35	25	34	40	37	35	37	31	37	33	32
Responsabilidade com a casa, a família e os filhos	20	23	23	17	17	20	21	19	20	21	19
Expectativas diferentes da sociedade em relação ao papel e potencial de homens e mulheres	18	25	19	15	12	16	15	23	15	19	21
Leis antigas ou conservadoras em relação às mulheres	10	12	10	8	10	12	9	9	11	10	9
Poucas mulheres na política ou como lideranças políticas	9	8	8	11	13	8	9	12	8	9	13
Diferenças de nível educacional	2	3	2	2	2	1	2	4	1	3	3
Questões religiosas	2	2	2	2	3	3	2	0	3	1	0
OUTRO	1	0	1	1	2	1	1	0	1	1	1
Não sabe / Não respondeu	3	3	2	3	4	3	4	1	3	4	2

Pergunta: Na sua opinião quais desses aspectos mais contribuem para a Desigualdade entre homens e mulheres? EM 1º LUGAR?

Gráfico 3
PERCEPÇÃO SOBRE A EVOLUÇÃO DA QUESTÃO DA IGUALDADE DE GÊNERO NO BRASIL NOS ÚLTIMOS 10 ANOS (%)



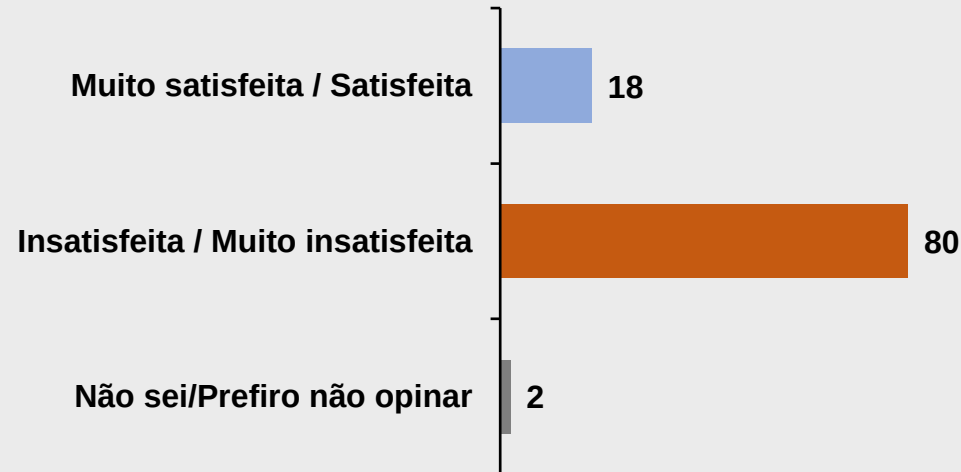
As mulheres entre 25 e 44 anos e de escolaridade superior são as que mais acreditam na melhoria da igualdade de gênero no Brasil nos últimos 10 anos. Já a percepção de piora cresce conforme aumenta a idade das entrevistadas.

Tabela 3
PERCEPÇÃO SOBRE A EVOLUÇÃO DA QUESTÃO DA IGUALDADE DE GÊNERO NO BRASIL NOS ÚLTIMOS 10 ANOS (%)

(%)	TOTAL	IDADE				INSTRUÇÃO			RENDA FAMILIAR		
		18 A 24 ANOS	25 A 44 ANOS	45 A 59 ANOS	60 ANOS OU MAIS	FUNDA-MENTAL	ENSINO MÉDIO	SUPERIOR	ATÉ 2 SM	2-5 SM	+ DE 5 SM
Melhorou muito / Melhorou	56	58	60	54	49	54	57	59	56	56	57
Não se alterou	24	26	22	23	26	24	24	22	24	24	23
Piorou / Piorou muito	18	14	16	20	23	19	17	18	18	17	19
Não sei/Prefiro não opinar	2	2	2	2	1	2	2	1	2	3	1

Pergunta: Na sua opinião a questão da igualdade de gênero no Brasil, com direitos e oportunidades iguais para homens e mulheres, nos últimos 10 anos, melhorou muito, melhorou, não se alterou, piorou ou piorou muito?

Gráfico 4
SATISFAÇÃO COM A FORMA DE TRATAMENTO DAS MULHERES NA SOCIEDADE BRASILEIRA (%)



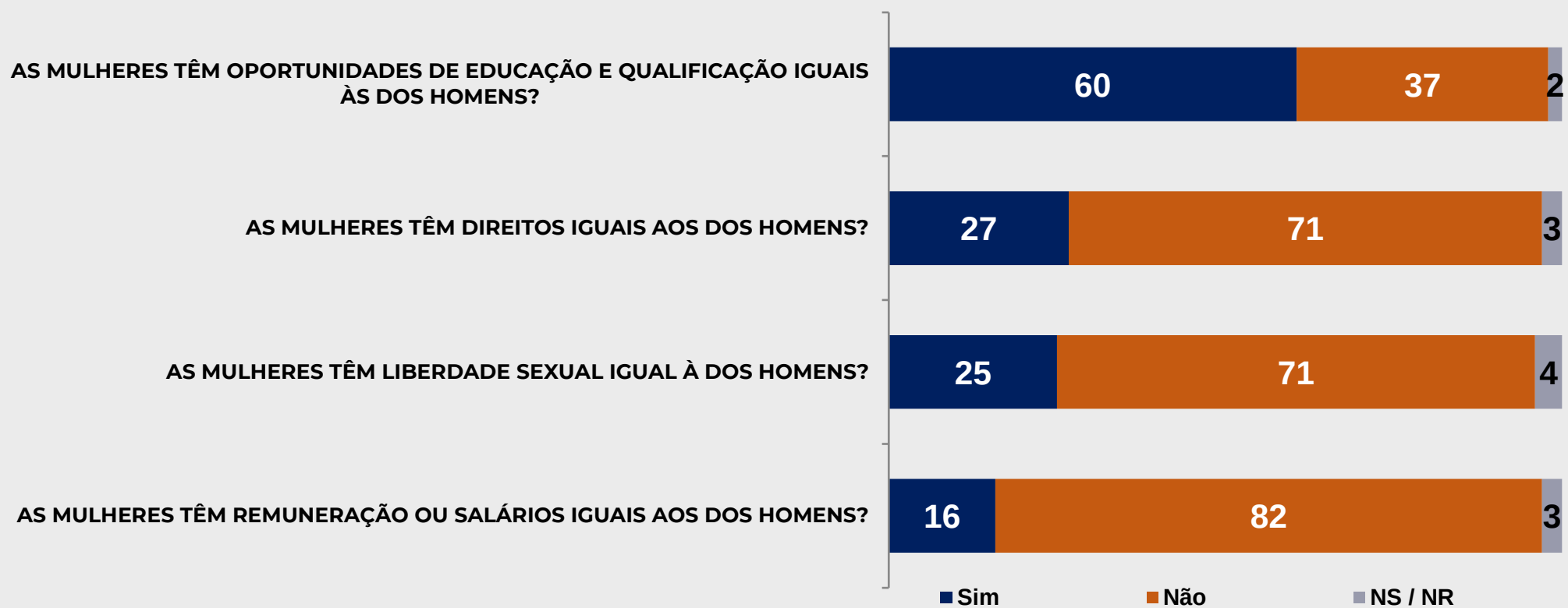
O maior nível de insatisfação com a forma como as mulheres são tratadas no Brasil é das jovens de 18 a 24 anos, e praticamente homogêneo nos estratos de escolaridade e renda.

Tabela 4
SATISFAÇÃO COM A FORMA DE TRATAMENTO DAS MULHERES NA SOCIEDADE BRASILEIRA (%)

(%)	TOTAL	IDADE				INSTRUÇÃO			RENDA FAMILIAR		
		18 A 24 ANOS	25 A 44 ANOS	45 A 59 ANOS	60 ANOS OU MAIS	FUNDA-MENTAL	ENSINO MÉDIO	SUPERIOR	ATÉ 2 SM	2-5 SM	+ DE 5 SM
Muito satisfeita / Satisfeita	18	11	17	18	23	16	18	19	16	18	21
Insatisfeita / Muito insatisfeita	80	86	80	79	75	81	79	80	81	80	78
Não sei/Prefiro não opinar	2	3	3	2	2	3	3	0	3	2	1

Pergunta: De maneira geral, a Sra se sente muito satisfeita, satisfeita, insatisfeita ou muito insatisfeita com a forma como as mulheres são tratadas atualmente na sociedade brasileira?

Gráfico 5
OPINIÃO SOBRE ASPECTOS DA IGUALDADE DE GÊNERO (%)



Pergunta: Para cada um dos aspectos que vou ler, pelo que a Sra sabe ou ouve falar, hoje em dia no Brasil?

A desigualdade entre homens e mulheres é identificada em relação a três dos quatro aspectos avaliados, exceto quanto às oportunidades de educação e qualificação. Nesse último, a igualdade aparece com percentuais acima de 60% nas faixas etárias de 18 a 24 e de 25 a 44 anos, nos segmentos de instrução fundamental e ensino médio, e na renda até 2 SM. Com relação à diferença de salários, as mais críticas são as idade mais avançada – acima de 45 anos –, as de nível superior e com renda de 2 a 5 SM e mais de 5 SM. Já quanto à liberdade sexual, a percepção de desigualdade chega a 77% entre as mais jovens.

Tabela 5
OPINIÃO SOBRE ASPECTOS DA IGUALDADE DE GÊNERO (%)

	(%)	TOTAL	IDADE				INSTRUÇÃO			REND A FAMILIAR		
			18 A 24 ANOS	25 A 44 ANOS	45 A 59 ANOS	60 ANOS OU MAIS	FUNDA- MENTAL	ENSINO MÉDIO	SUPERIOR	ATÉ 2 SM	2-5 SM	+ DE 5 SM
AS MULHERES TÊM DIREITOS IGUAIS AOS DOS HOMENS?	Sim	27	19	31	26	24	27	26	27	28	22	31
	Não	71	76	67	71	74	69	71	72	69	75	68
	Não sabe / Não respondeu	3	5	2	3	2	3	3	1	3	3	1
AS MULHERES TÊM REMUNERAÇÃO OU SALÁRIOS IGUAIS AOS DOS HOMENS?	Sim	16	17	19	11	12	17	15	14	17	15	16
	Não	82	79	79	85	86	80	82	85	80	83	83
	Não sabe / Não respondeu	3	4	2	4	2	3	3	1	3	3	1
AS MULHERES TÊM OPORTUNIDADES DE EDUCAÇÃO E QUALIFICAÇÃO IGUAIS ÀS DOS HOMENS?	Sim	60	61	62	59	58	61	61	57	63	59	57
	Não	37	37	35	39	40	36	36	42	35	39	42
	Não sabe / Não respondeu	2	2	3	2	2	3	3	1	3	2	1
AS MULHERES TÊM LIBERDADE SEXUAL IGUAL À DOS HOMENS?	Sim	25	20	26	25	29	26	25	24	25	25	27
	Não	71	77	71	71	65	71	70	74	71	71	72
	Não sabe / Não respondeu	4	2	3	3	6	3	5	1	4	4	1

Pergunta: Para cada um dos aspectos que vou ler, pelo que a Sra sabe ou ouve falar, hoje em dia no Brasil?



03

VISÃO DO QUADRO ATUAL DA VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER NO BRASIL

A violência contra a mulher figura como principal preocupação na agenda das brasileiras e a casa é o *locus* das agressões.

Questionadas sobre as principais preocupações das brasileiras (em pergunta estimulada que contempla além dos temas de gênero, outros corriqueiros da agenda como emprego/renda, educação e saúde), as entrevistadas citam em destaque (como primeira resposta) a violência e o assédio contra a mulher (40%) – entre as solteiras o percentual é 45% –, seguida de feminicídio (26%) – uma soma de 66% para o item violência de gênero.

A grande maioria das entrevistadas (70%) declara saber que o Brasil ocupa a 5ª posição em mortes violentas de mulheres. Considerando a primeira resposta em questão espontânea, elas apontam o machismo (31%) como principal motivação para os crimes violentos

cometidos contra as mulheres. Além dessa resposta direta, uma série de outras razões associadas ao machismo também são citadas somando 40%: ciúme (19%), sentimento de posse em relação às mulheres (10%), não aceitação do fim de um relacionamento (7%), restrição à independência profissional, econômica, social ou intelectual da mulher, manifestação de desprezo pela mulher (4%). Há ainda menção relevante à impunidade ou falta de leis mais rigorosas contra o agressor (20%).

Quando perguntadas se foram vítimas ou presenciaram situações de preconceito ou discriminação contra a mulher em ambientes públicos, as respostas afirmativas são predominantes. A experiência pessoal ou conhecimento de vítimas se referem aos mais variados espaços públicos: na rua (67%); no transporte público (56%); em festas ou locais de entretenimento (54%); no ambiente de trabalho (42%); na escola ou universidade (39%).

Quanto à violência verbal, física ou sexual, mais da metade (55%) das entrevistadas afirmam ter sido vítimas ou terem tomado conhecimento de mulheres próximas que foram vítimas de ameaça, insulto, assédio ou agressão; chegando esse número a 63% na faixa etária de 18 a 24 anos. Mais mulheres pretas (61%) do que brancas (52%) e pardas (58%) declaram ter sido vítimas ou tomaram conhecimento de alguém que foi vítima de violência verbal, física ou sexual.

A casa comparece como *locus* principal da violência contra a mulher, sendo apontada por 77%. Apenas 8% acreditam que a rua é o espaço primordial das agressões, além de outros itens com menções iguais ou inferiores a 3%. Coerente com esse resultado, é consensual entre as entrevistadas a percepção de que os autores de violência verbal, física ou sexual contra as mulheres foram pessoas conhecidas ou próximas da vítima (69%). Outros 20% opinam que os agressores foram tanto conhecidos quanto desconhecidos; e 9% declaram que os agressores foram pessoas desconhecidas.

Entre as pessoas conhecidas, 77% citam atuais cônjuges, companheiros e namorados. Ex-cônjuges, ex-companheiros e ex-namorados ocupam o 2º lugar dessa lista, com 36% das menções. Em terceiro e quarto lugares são citados os chefes/colegas de trabalho e vizinhos (17% e 16%, respectivamente). Sujeitos com relação de parentesco com as vítimas também foram frequentemente apontados como agressores: padrasto/madrasta (12%), pai/mãe (9%), irmão/irmã (6%), filho/enteado (6%). Algumas figuras de autoridade que mantinham com a mulheres agredidas uma relação mais esporádica, porém de confiança, também foram citadas como responsáveis pelas investidas violentas. É o caso dos profissionais médicos/as (6%), professores/as (5%) e padre/pastor (4%).

Quando os agressores são desconhecidos, 69% não sabem precisar de quem se trata. Outros citam motoristas (23%), ladrões/assaltantes (22%) e policiais (7%).

É generalizada a percepção de que a violência contra a mulher aumentou na pandemia da Covid-19 (83%). Essa opinião é mais presente entre as mulheres pretas (87%) do que entre as brancas (81%) e as pardas (83%).

70% acreditam que homens e mulheres sofreram igualmente os impactos da pandemia nos setores econômico e de trabalho, enquanto 25% creem que as mulheres sofreram mais do que os homens impactos nesses setores. Sobre as repercussões na saúde, 76% sustentam que foram similares para homens e mulheres e 17% afirmam que foi pior para as mulheres. Mas, com relação aos efeitos emocionais ou psicológicos, 51% afirmam que foram os mesmos para homens e mulheres e 43% alegam que foi pior para as mulheres.

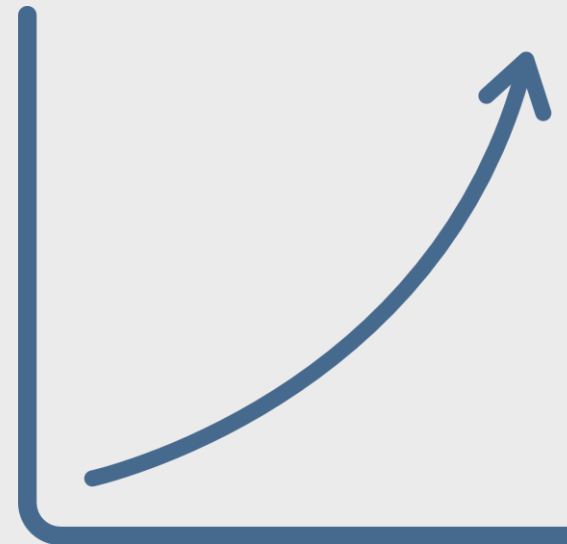
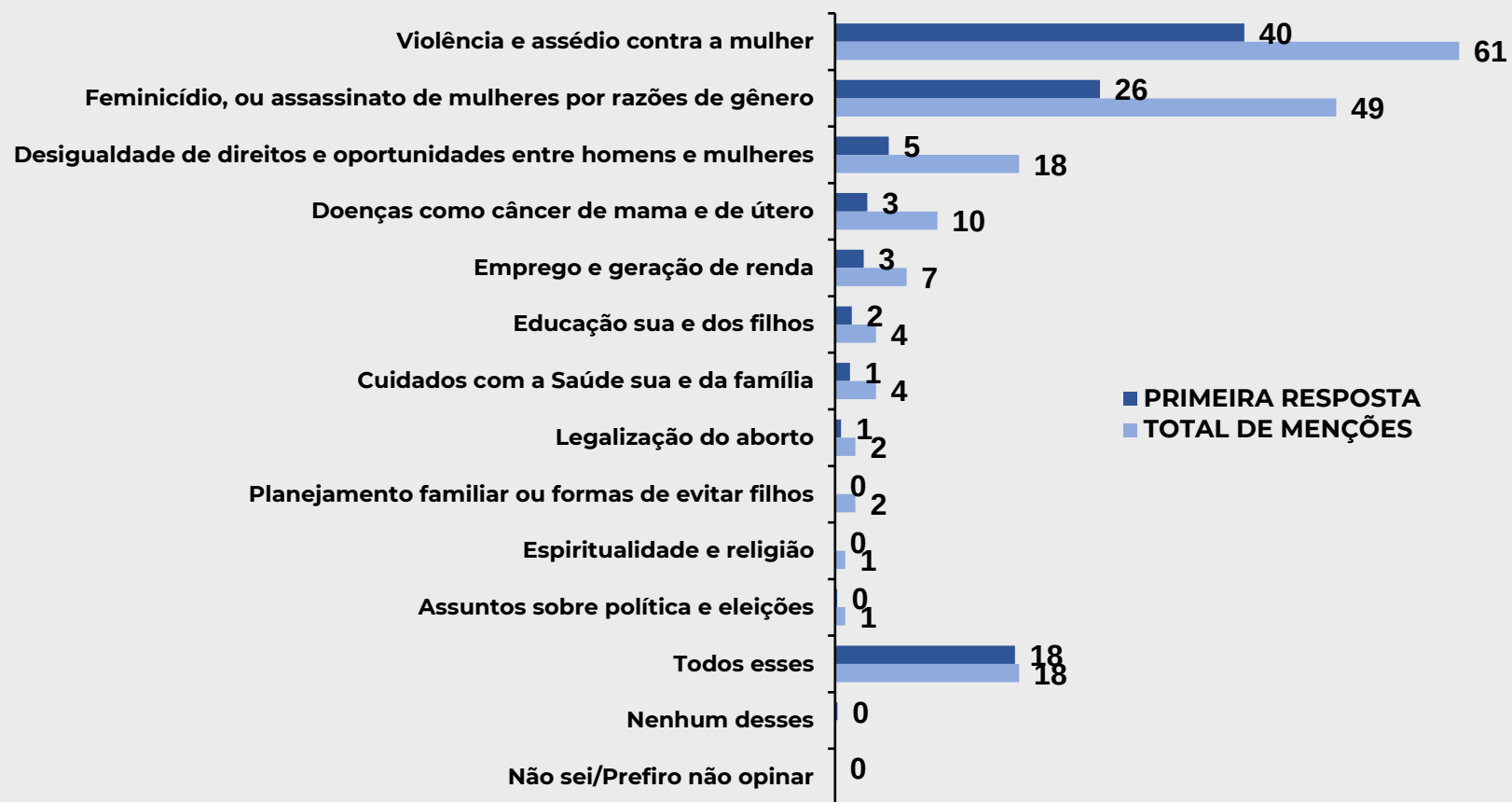


Gráfico 6
AGENDA DAS MULHERES (%)



Pergunta: Pelo que a Sra. sabe ou ouve falar, entre esses temas que eu vou ler quais os que mais preocupam as mulheres atualmente? Em 1º lugar? / TOTAL DE MENÇÕES

São as jovens entre 18 e 24 anos quem mais se preocupa com a violência e assédio contra mulher.
Para quem tem entre 45 e 59 anos, a preocupação maior é o feminicídio.

Tabela 6
AGENDA DAS MULHERES (%) – PRIMEIRA RESPOSTA

(%)	TOTAL	IDADE				INSTRUÇÃO			RENDA FAMILIAR		
		18 A 24 ANOS	25 A 44 ANOS	45 A 59 ANOS	60 ANOS OU MAIS	FUNDA-MENTAL	ENSINO MÉDIO	SUPERIOR	ATÉ 2 SM	2-5 SM	+ DE 5 SM
Violência e assédio contra a mulher	40	58	44	31	29	42	38	40	41	37	42
Feminicídio, ou assassinato de mulheres por razões de gênero	26	16	27	33	22	22	30	25	25	28	24
Desigualdade de direitos e oportunidades entre homens e mulheres	5	6	4	5	8	4	6	6	4	6	7
Doenças como câncer de mama e de útero	3	1	2	5	4	4	3	3	3	3	3
Emprego e geração de renda	3	1	3	4	3	3	2	3	3	2	3
Educação sua e dos filhos	2	0	1	2	4	1	2	2	1	2	2
Cuidados com a Saúde sua e da família	1	0	1	2	2	1	1	2	1	2	2
Legalização do aborto	1	1	0	0	1	1	0	1	1	1	1
Planejamento familiar ou formas de evitar filhos	0	0	0	0	1	0	0	1	1	0	1
Espiritualidade e religião	0	0	0	1	1	0	0	0	0	0	0
Assuntos sobre política e eleições	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0
Todos esses	18	17	16	16	24	20	16	17	19	17	15
Nenhum desses	0	0	0	0	0	1	0	0	1	0	0
Não sei/Prefiro não opinar	0	0	0	1	0	0	1	0	0	1	0

Pergunta: Pelo que a Sra. sabe ou ouve falar, entre esses temas que eu vou ler quais os que mais preocupam as mulheres atualmente? EM 1º LUGAR?

As mulheres de todas as faixas etárias e níveis de instrução e renda têm elevado conhecimento de que o Brasil é um dos países onde mais se matam mulheres, com destaque para as de escolaridade superior.

Gráfico 7
CONHECIMENTO SOBRE O BRASIL SER UM DOS PAÍSES ONDE MAIS SE MATAM MULHERES (%)

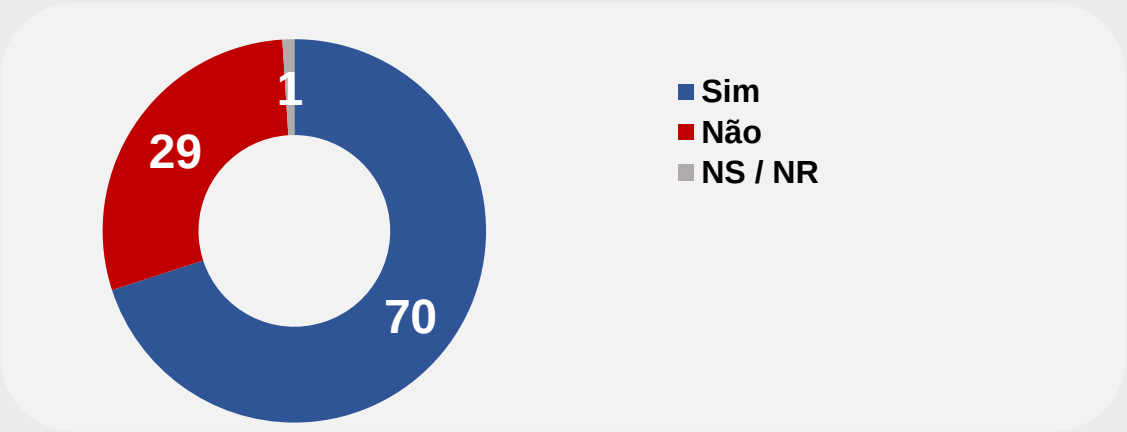


Tabela 7
CONHECIMENTO SOBRE O BRASIL SER UM DOS PAÍSES ONDE MAIS SE MATAM MULHERES (%)

(%)	TOTAL	IDADE				INSTRUÇÃO			RENDA FAMILIAR		
		18 A 24 ANOS	25 A 44 ANOS	45 A 59 ANOS	60 ANOS OU MAIS	FUNDA-MENTAL	ENSINO MÉDIO	SUPERIOR	ATÉ 2 SM	2-5 SM	+ DE 5 SM
Sabia	70	71	72	70	66	71	67	74	70	69	71
Não sabia	29	27	28	29	34	29	32	25	29	30	28
Prefiro não responder	1	2	0	1	1	1	1	1	0	1	1

Pergunta: A Sra sabia ou não que o Brasil é um dos países onde mais se matam mulheres, sendo o 5º país em mortes violentas de mulheres?

Gráfico 8
OPINIÃO SOBRE MOTIVOS DOS CRIMES VIOLENTOS CONTRA AS MULHERES (%) – ESPONTÂNEA - ATÉ 2 RESPOSTAS



Pergunta: Quais a Sra considera os principais motivos para os crimes violentos contra as mulheres no Brasil? (ATÉ 2 RESPOSTAS)

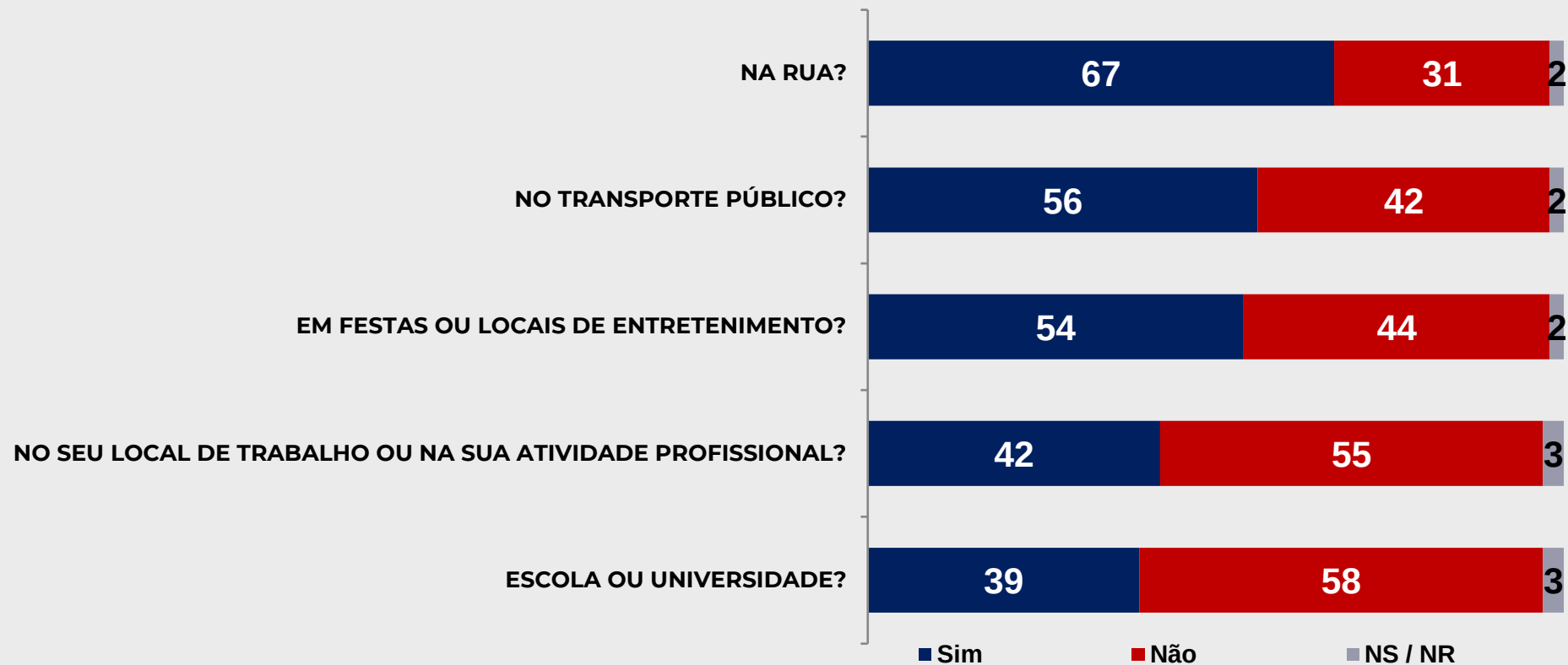
O machismo é apontado em todos os segmentos como principal motivo para os crimes violentos contra as mulheres; com maiores percentuais entre as de 60 anos e mais, na parcela de instrução superior e renda mais alta.

Tabela 8
OPINIÃO SOBRE MOTIVOS DOS CRIMES VIOLENTOS CONTRA AS MULHERES (%) – ESPONTÂNEA - ATÉ 2 RESPOSTAS

(%)	TOTAL	IDADE				INSTRUÇÃO			RENDA FAMILIAR		
		18 A 24 ANOS	25 A 44 ANOS	45 A 59 ANOS	60 ANOS OU MAIS	FUNDA-MENTAL	ENSINO MÉDIO	SUPERIOR	ATÉ 2 SM	2-5 SM	+ DE 5 SM
Machismo	31	34	29	27	37	27	29	39	27	33	35
Impunidade/Falta de leis mais rigorosas	20	15	21	20	20	17	21	22	19	19	22
Ciúme	19	16	19	20	19	19	21	14	20	20	14
Sentimento de posse sobre as mulheres	10	10	11	11	8	10	12	8	11	11	8
Homem não aceitar o fim do relacionamento	7	6	9	7	4	8	8	5	7	7	6
Restrições à independência profissional, econômica, social ou intelectual da mulher	6	4	7	6	5	6	6	6	6	6	6
Manifestação de desprezo pela mulher	4	4	6	4	1	5	4	2	5	3	3
Alcoolismo	3	3	2	4	4	3	3	3	3	3	2
Discriminação contra as mulheres	3	5	3	2	1	2	2	4	2	2	5
Dependência financeira	3	1	3	3	3	3	2	4	3	2	4
Falta de respeito na relação	2	2	2	2	1	2	2	1	2	2	1
Dependência emocional	1	1	2	1	1	1	1	2	1	2	2
Tratamento da mulher como objeto sexual	1	2	1	1	0	1	0	1	1	1	1
Ignorância	1	0	1	1	1	1	1	0	1	0	0
Valorização do homem pela força e agressividade	0	1	0	0	0	1	0	0	0	1	0
Controle sobre o corpo, desejo ou liberdade sexual da mulher	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Não sabe / Não respondeu	9	13	7	9	10	10	9	7	9	9	8

Pergunta: Quais a Sra considera os principais motivos para os crimes violentos contra as mulheres no Brasil? (ATÉ 2 RESPOSTAS)

Gráfico 9
EXPERIÊNCIA OU CONHECIMENTO SOBRE VÍTIMAS DE PRECONCEITO OU DICRIMINAÇÃO CONTRA MULHERES (%)



Pergunta: .A Sra já foi vítima ou já presenciou alguma situação de preconceito ou discriminação contra mulheres: (ESTIMULADA)

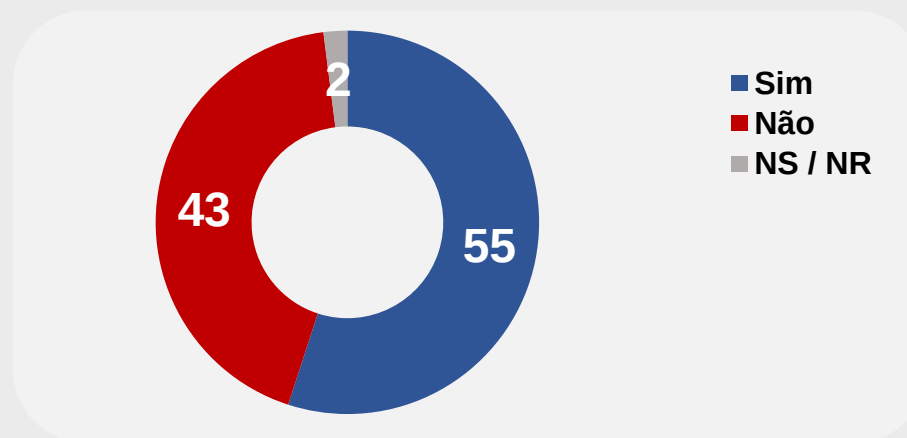
A rua e o transporte públicos são os dois principais locais onde já foram vítimas ou presenciaram situações de preconceito ou discriminação contra mulheres. As jovens de 18 a 24 anos são aquelas que mais citaram a rua, as festas, as escolas ou universidades como ambientes de preconceito ou discriminação. Já o local de trabalho e o transporte público aparecem mais frequentemente nas menções das mulheres entre 25 a 44 anos. No público de maior instrução e maior renda também apresentam elevados percentuais de citação a todos os locais.

Tabela 9
EXPERIÊNCIA OU CONHECIMENTO SOBRE VÍTIMAS DE PRECONCEITO OU DISCRIMINAÇÃO CONTRA MULHERES (%)

	(%)	TOTAL	IDADE				INSTRUÇÃO			RENDA FAMILIAR		
			18 A 24 ANOS	25 A 44 ANOS	45 A 59 ANOS	60 ANOS OU MAIS	FUNDA- MENTAL	ENSINO MÉDIO	SUPERIOR	ATÉ 2 SM	2-5 SM	+ DE 5 SM
NA RUA?	Sim	67	76	72	65	52	69	63	73	67	66	70
	Não	31	21	27	33	46	30	34	26	31	32	29
	NS / NR	2	3	1	2	1	1	2	1	1	2	1
NO TRANSPORTE PÚBLICO?	Sim	56	56	60	57	46	55	55	62	55	58	57
	Não	42	41	38	41	52	43	43	37	43	39	41
	NS / NR	2	3	2	2	2	2	2	1	2	2	1
EM FESTAS OU LOCAIS DE ENTRETENIMENTO?	Sim	54	63	60	49	38	54	51	59	53	53	57
	Não	44	34	39	49	60	44	47	40	45	44	42
	NS / NR	2	3	1	2	3	2	3	1	2	3	1
NO SEU LOCAL DE TRABALHO OU NA SUA ATIVIDADE PROFISSIONAL?	Sim	42	40	45	43	35	42	40	47	41	41	47
	Não	55	56	51	55	64	55	56	51	57	54	52
	NS / NR	3	5	3	2	1	3	4	2	2	4	2
ESCOLA OU UNIVERSIDADE?	Sim	39	57	44	30	23	41	35	44	39	37	43
	Não	58	39	53	67	75	57	62	54	58	60	56
	NS / NR	3	3	2	3	2	2	3	1	2	4	1

Pergunta: A Sra já foi vítima ou já presenciou alguma situação de preconceito ou discriminação contra mulheres: (ESTIMULADA)

Gráfico 10
EXPERIÊNCIA OU CONHECIMENTO SOBRE VÍTIMAS DA VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER (%)



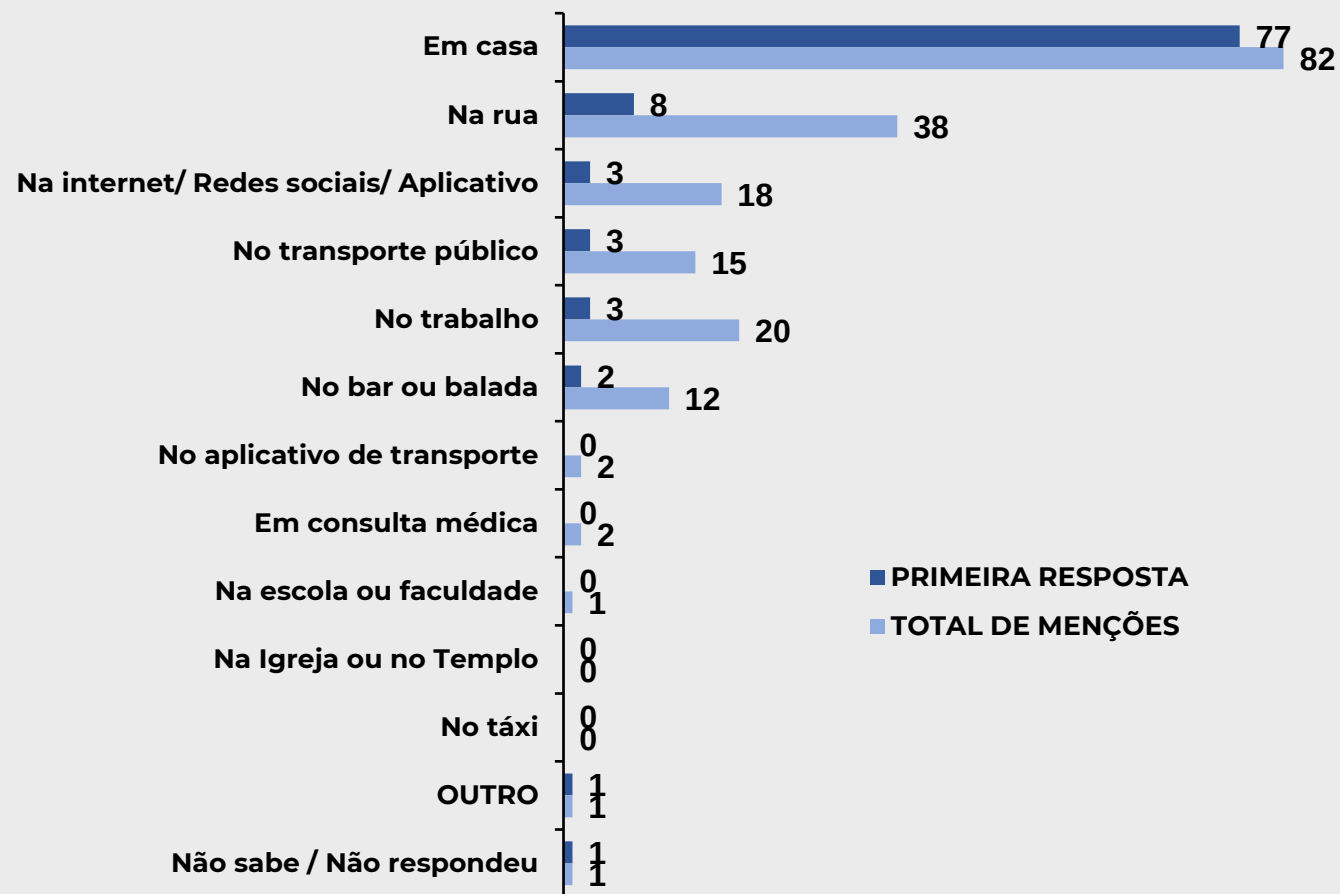
As mulheres mais jovens são as principais vítimas ou as que mais conhecem vítimas de situações de violência, seja verbal, física ou sexual.

Tabela 10
EXPERIÊNCIA OU CONHECIMENTO SOBRE VÍTIMAS DA VIOLÊNCIA CONTRA A MUHER (%)

(%)	TOTAL	IDADE				INSTRUÇÃO			RENDA FAMILIAR		
		18 A 24 ANOS	25 A 44 ANOS	45 A 59 ANOS	60 ANOS OU MAIS	FUNDA-MENTAL	ENSINO MÉDIO	SUPERIOR	ATÉ 2 SM	2-5 SM	+ DE 5 SM
Sim	55	63	57	53	45	57	51	57	57	52	56
Não	43	34	40	46	53	42	45	41	42	45	42
Não sabe / Não respondeu	2	3	2	1	3	1	4	1	1	4	2

Pergunta: Nos últimos 12 meses, foi vítima, viu ou tomou conhecimento sobre mulheres próximas à Sra que foram vítimas de situações de violência verbal, física ou sexual, como ameaça, insulto, assédio ou agressão?

Gráfico 11
LOCAIS ONDE AS SITUAÇÕES DE VIOLÊNCIA, AMEAÇA E ASSÉDIO CONTRA AS MULHERES OCORREM MAIS FREQUENTEMENTE (%)



Pergunta: Pelo que sabe ou vê nas notícias, as situações de violência, ameaça e assédio contra as mulheres ocorrem com mais frequência em qual desses lugares ? EM 1º LUGAR? / TOTAL DE MENÇÕES

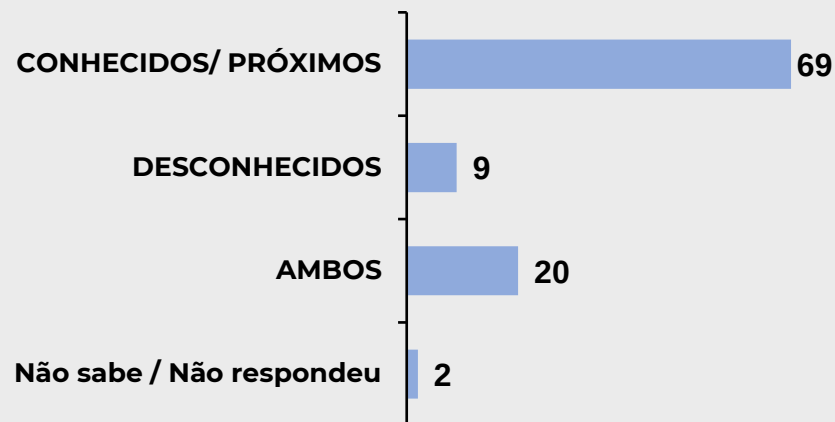
A casa é reconhecida pelas mulheres de todos os perfis como sendo o lugar em que a violência, a ameaça e o assédio contra a mulher ocorrem com maior frequência. As jovens de 18 a 24 anos parecem as mais expostas à violência na rua (percentual entre elas chega a 17%).

Tabela 11
LOCAIS ONDE AS S SITUAÇÕES DE VIOLÊNCIA, AMEAÇA E ASSÉDIO CONTRA AS MULHERES OCORREM MAIS FREQUENTEMENTE (%)

(%)	TOTAL	IDADE				INSTRUÇÃO			RENDA FAMILIAR		
		18 A 24 ANOS	25 A 44 ANOS	45 A 59 ANOS	60 ANOS OU MAIS	FUNDA-MENTAL	ENSINO MÉDIO	SUPERIOR	ATÉ 2 SM	2-5 SM	+ DE 5 SM
Em casa	77	70	79	78	75	74	78	78	75	79	77
Na rua	8	17	8	6	6	10	7	8	10	7	7
Na internet/ Redes sociais/ Aplicativo	3	4	4	2	3	4	2	3	4	3	3
No transporte público	3	2	3	4	4	3	4	4	3	3	4
No trabalho	3	4	2	4	4	3	3	4	3	2	4
No bar ou balada	2	2	2	2	3	2	2	2	2	2	2
No aplicativo de transporte	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	1
Em consulta médica	0	0	0	1	1	0	1	0	0	0	1
Na escola ou faculdade	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Na Igreja ou no Templo	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
No táxi	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
OUTRO	1	0	0	1	3	1	1	0	1	1	0
Não sabe / Não respondeu	1	2	1	1	1	1	1	0	1	2	1

Pergunta: Pelo que sabe ou vê nas notícias, as situações de violência, ameaça e assédio contra as mulheres ocorrem com mais frequência em qual desses lugares ? EM 1º LUGAR?

Gráfico 12
AUTORES DA VIOLÊNCIA CONTRA AS MULHERES: CONHECIDOS X DESCONHECIDOS (%)



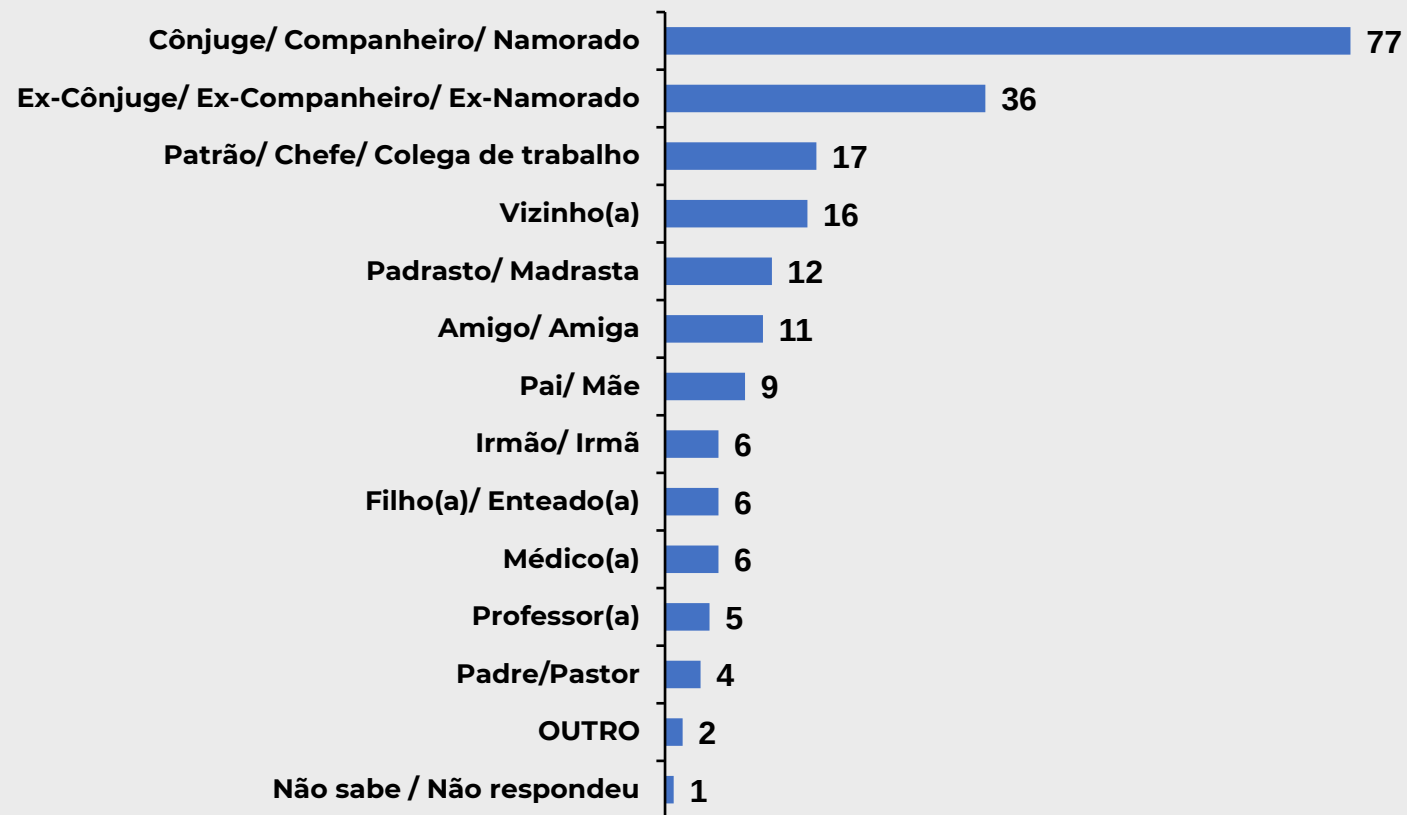
Entre as que foram ou conhecem vítimas, o assédio, a ameaça ou o ato de violência são frequentemente imputados a uma pessoa conhecida – em todos os estratos mas com percentuais menores entre as mais jovens, onde cresce a menção a ambos (conhecidos e desconhecidos).

Tabela 12
AUTORES DA VIOLÊNCIA CONTRA AS MULHERES: CONHECIDOS X DESCONHECIDAS (%)

(%)	TOTAL	IDADE				INSTRUÇÃO			RENDA FAMILIAR		
		18 A 24 ANOS	25 A 44 ANOS	45 A 59 ANOS	60 ANOS OU MAIS	FUNDA-MENTAL	ENSINO MÉDIO	SUPERIOR	ATÉ 2 SM	2-5 SM	+ DE 5 SM
Conhecidos/ Próximos	69	52	71	75	74	65	73	68	67	71	71
Desconhecidos	9	14	8	9	6	11	8	9	10	10	6
Ambos	20	31	19	15	18	21	18	21	21	18	21
Não sabe / Não respondeu	2	3	2	1	2	3	1	1	2	1	2

Pergunta: . E Pelo que lembra ou ouviu falar as mulheres envolvidas em alguma situação de assédio, ameaça ou violência foram vítimas de pessoas conhecidas ou próximas a elas, ou por desconhecidas?
(SOMENTE PARA QUEM FOI VÍTIMA OU TOMOU CONHECIMENTO SOBRE MULHERES PRÓXIMAS QUE FORAM VÍTIMAS DE SITUAÇÕES DE VIOLÊNCIA VERBAL, FÍSICA OU SEXUAL)

Gráfico 13
AGRESSORES CONHECIDOS (%)



Pergunta: Foram vítimas de QUAIS pessoas conhecidas ou próximas a elas?

(SOMENTE PARA QUEM FOI VÍTIMA OU TOMOU CONHECIMENTO SOBRE MULHERES PRÓXIMAS QUE FORAM VÍTIMAS DE PESSOAS CONHECIDAS OU PRÓXIMAS A ELAS)

O cônjuge/companheiro e o ex-cônjuge ou companheiro são citados como principais agressores, independente de idade, escolaridade ou renda das entrevistadas. Outros destaques por segmento são indicados na tabela abaixo.

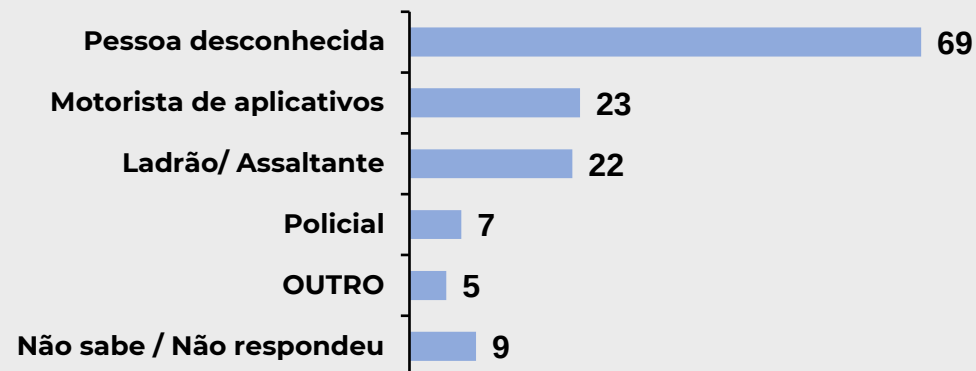
Tabela 13
AGRESSORES CONHECIDOS (%)

(%)	TOTAL	IDADE				INSTRUÇÃO			RENDA FAMILIAR		
		18 A 24 ANOS	25 A 44 ANOS	45 A 59 ANOS	60 ANOS OU MAIS	FUNDA-MENTAL	ENSINO MÉDIO	SUPERIOR	ATÉ 2 SM	2-5 SM	+ DE 5 SM
Cônjuge/ Companheiro/ Namorado	77	76	77	79	76	78	80	71	79	78	72
Ex-Cônjuge/ Ex-Companheiro/ Ex-Namorado	36	33	38	37	33	36	37	36	36	39	35
Patrão/ Chefe/ Colega de trabalho	17	24	18	15	13	17	17	18	15	23	15
Vizinho(a)	16	21	16	16	14	19	13	17	18	15	15
Padrasto/ Madrasta	12	13	13	11	7	13	10	12	11	15	8
Amigo/ Amiga	11	15	12	8	11	11	9	14	9	11	17
Pai/ Mãe	9	14	10	8	5	11	7	11	10	10	8
Irmão/ Irmã	6	4	6	8	6	5	6	8	5	8	6
Filho(a)/ Enteado(a)	6	3	5	7	10	5	7	5	3	10	5
Médico(a)	6	8	5	5	7	5	5	8	4	8	6
Professor(a)	5	9	4	3	6	4	5	4	4	6	5
Padre/Pastor	4	6	3	5	5	4	5	3	3	7	2
OUTRO	2	5	3	1	1	3	2	1	3	3	1
Não sabe / Não respondeu	1	3	1	0	1	1	1	1	1	1	1

Pergunta: Foram vítimas de QUAIS pessoas conhecidas ou próximas a elas?

(SOMENTE PARA QUEM FOI VÍTIMA OU TOMOU CONHECIMENTO SOBRE MULHERES PRÓXIMAS QUE FORAM VÍTIMAS DE PESSOAS CONHECIDAS OU PRÓXIMAS A ELAS)

Gráfico 14
AGRESSORES DESCONHECIDOS (%)



Quando o agressor é uma pessoa desconhecida, a figura do motorista de aplicativos se destaca (23%), em especial entre as mulheres com maior instrução e com renda acima de 5 SM.

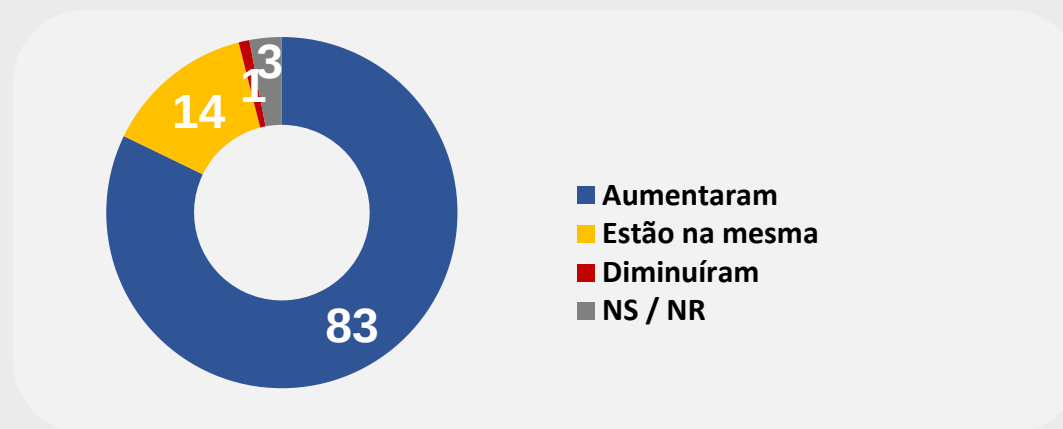
Tabela 14
AGRESSORES DESCONHECIDOS (%)

(%)	TOTAL	IDADE				INSTRUÇÃO			RENDA FAMILIAR		
		18 A 24 ANOS	25 A 44 ANOS	45 A 59 ANOS	60 ANOS OU MAIS	FUNDA-MENTAL	ENSINO MÉDIO	SUPERIOR	ATÉ 2 SM	2-5 SM	+ DE 5 SM
Pessoa desconhecida	69	73	74	65	49	67	68	74	68	73	64
Motorista de aplicativos	23	23	25	18	22	17	25	29	20	22	30
Ladrão/ Assaltante	22	13	25	23	27	23	21	21	21	19	29
Policial	7	5	5	9	16	6	9	6	6	9	5
OUTRO	5	4	5	9	0	7	4	1	4	6	4
Não sabe / Não respondeu	9	14	4	7	19	9	9	8	8	12	7

Pergunta: Foram vítimas de QUAIS pessoas DESCONHECIDAS?

(SOMENTE PARA QUEM FOI VÍTIMA OU TOMOU CONHECIMENTO SOBRE MULHERES PRÓXIMAS QUE FORAM VÍTIMAS DE PESSOAS DESCONHECIDAS)

Gráfico 15
PERCEPÇÃO SOBRE A EVOLUÇÃO DAS SITUAÇÕES DE VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER NA PANDEMIA (%)



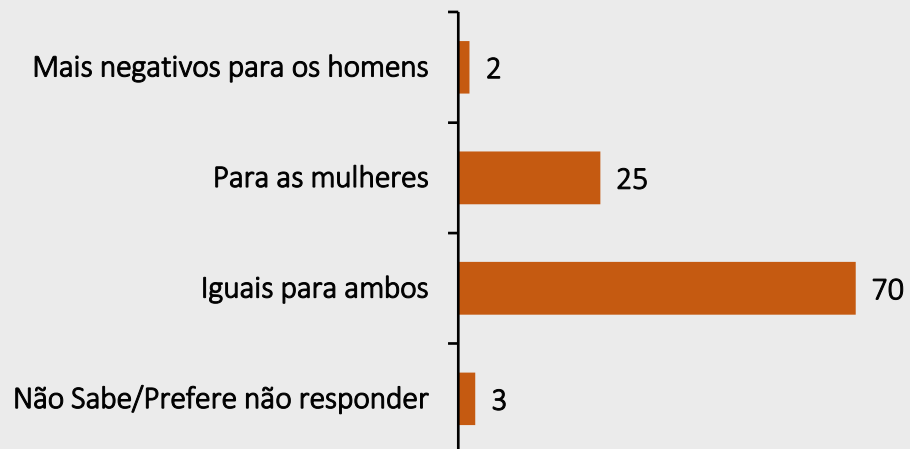
Em quase todos os segmentos, exceto entre as mais jovens, a percepção de que a violência contra a mulher aumentou na pandemia é superior a 80%.

Tabela 15
PERCEPÇÃO DA VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER NA PANDEMIA (%)

(%)	TOTAL	IDADE				INSTRUÇÃO			RENDA FAMILIAR		
		18 A 24 ANOS	25 A 44 ANOS	45 A 59 ANOS	60 ANOS OU MAIS	FUNDA-MENTAL	ENSINO MÉDIO	SUPERIOR	ATÉ 2 SM	2-5 SM	+ DE 5 SM
Aumentaram	83	75	83	87	83	81	83	85	81	85	82
Estão na mesma	14	15	14	11	15	15	13	12	16	10	14
Diminuíram	1	2	1	1	1	0	1	1	1	1	0
Não sabe / Não respondeu	3	8	3	1	2	3	3	3	3	3	4

Pergunta: Pelo que sabe ou ouviu falar, as situações de violência contra a mulher desde que começou a pandemia aumentaram, diminuíram ou estão na mesma?

Gráfico 16
OPINIÃO SOBRE EFEITOS DA PANDEMIA: ASPECTOS ECONÔMICOS OU DE TRABALHO (%)



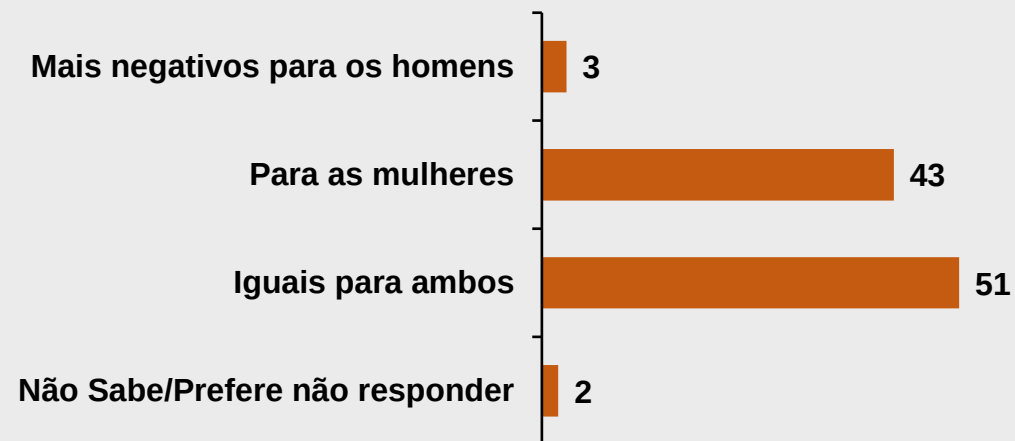
As mulheres entre 18 a 24 anos, aquelas com ensino superior e renda acima de 5 SM são as que mais acreditam que, do ponto de vista econômico e profissional, as mulheres foram mais prejudicadas do que os homens na pandemia.

Tabela 16
OPINIÃO SOBRE EFEITOS DA PANDEMIA: ASPECTOS ECONÔMICOS OU DE TRABALHO (%)

(%)	TOTAL	IDADE				INSTRUÇÃO			RENDA FAMILIAR		
		18 A 24 ANOS	25 A 44 ANOS	45 A 59 ANOS	60 ANOS OU MAIS	FUNDA-MENTAL	ENSINO MÉDIO	SUPERIOR	ATÉ 2 SM	2-5 SM	+ DE 5 SM
Mais negativos para os homens	2	3	2	3	3	2	3	2	2	2	2
Para as mulheres	25	28	27	22	25	25	24	29	25	26	27
Iguais para ambos	70	64	70	73	70	70	71	67	70	69	69
Não Sabe/Prefere não responder	3	6	2	3	2	3	2	2	3	3	2

Pergunta: Na sua opinião os efeitos da pandemia da Covid-19 no Brasil em relação aos aspectos Econômicos ou de trabalho, foram mais negativos para os homens, para as mulheres ou foram iguais para homens e mulheres?

Gráfico 17
OPINIÃO SOBRE EFEITOS DA PANDEMIA: ASPECTOS EMOCIONAIS OU PSICOLÓGICOS (%)



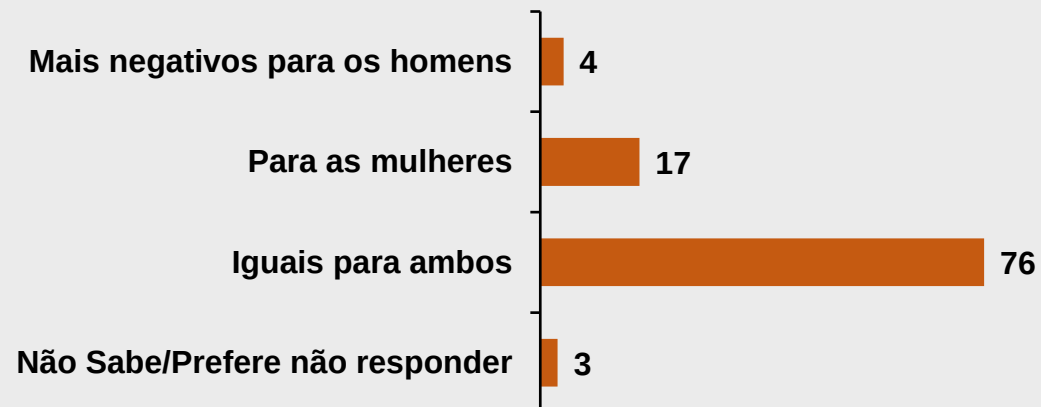
As mulheres entre 25 a 44 anos, com ensino superior e renda entre 2 a 5 SM são as que identificam efeitos mais negativos da pandemia para as mulheres no que se refere aos aspectos emocionais e psicológicos.

Tabela 17
OPINIÃO SOBRE EFEITOS DA PANDEMIA: ASPECTOS EMOCIONAIS OU PSICOLÓGICOS (%)

(%)	TOTAL	IDADE				INSTRUÇÃO			RENDA FAMILIAR		
		18 A 24 ANOS	25 A 44 ANOS	45 A 59 ANOS	60 ANOS OU MAIS	FUNDA-MENTAL	ENSINO MÉDIO	SUPERIOR	ATÉ 2 SM	2-5 SM	+ DE 5 SM
Mais negativos para os homens	3	2	3	3	5	4	3	3	4	3	4
Para as mulheres	43	44	46	42	38	41	44	45	41	47	43
Iguais para ambos	51	48	50	53	55	53	51	50	54	48	52
Não Sabe/Prefere não responder	2	7	1	2	1	3	2	2	2	2	2

Pergunta: . E em relação aos aspectos Emocionais ou psicológicos, os efeitos da pandemia foram mais negativos para os homens, para as mulheres ou foram iguais para homens e mulheres?

Gráfico 18
OPINIÃO SOBRE EFEITOS DA PANDEMIA: SAÚDE (%)



A ampla maioria em todos os estratos crê que a pandemia prejudicou igualmente a saúde de homens e mulheres, com distribuição homogênea dos percentuais. Somente no segmento de instrução superior, chega a um quinto (20%) a opinião de que as mulheres foram mais prejudicadas nesse quesito.

Tabela 18
OPINIÃO SOBRE EFEITOS DA PANDEMIA: SAÚDE (%)

(%)	TOTAL	IDADE				INSTRUÇÃO			RENDA FAMILIAR		
		18 A 24 ANOS	25 A 44 ANOS	45 A 59 ANOS	60 ANOS OU MAIS	FUNDA-MENTAL	ENSINO MÉDIO	SUPERIOR	ATÉ 2 SM	2-5 SM	+ DE 5 SM
Mais negativos para os homens	4	3	4	4	5	3	4	5	4	3	5
Para as mulheres	17	16	16	18	17	17	15	20	16	17	17
Iguais para ambos	76	75	77	76	76	76	78	73	77	76	76
Não Sabe/Prefere não responder	3	7	3	2	3	3	3	2	3	4	2

Pergunta: E quanto aos efeitos da pandemia na Saúde, foram mais negativos para os homens, para as mulheres ou foram iguais para homens e mulheres?



04

VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER NO AMBIENTE DE TRABALHO



Ainda que menos frequente que a violência doméstica, o assédio moral e sexual se faz presente no ambiente de trabalho das mulheres.

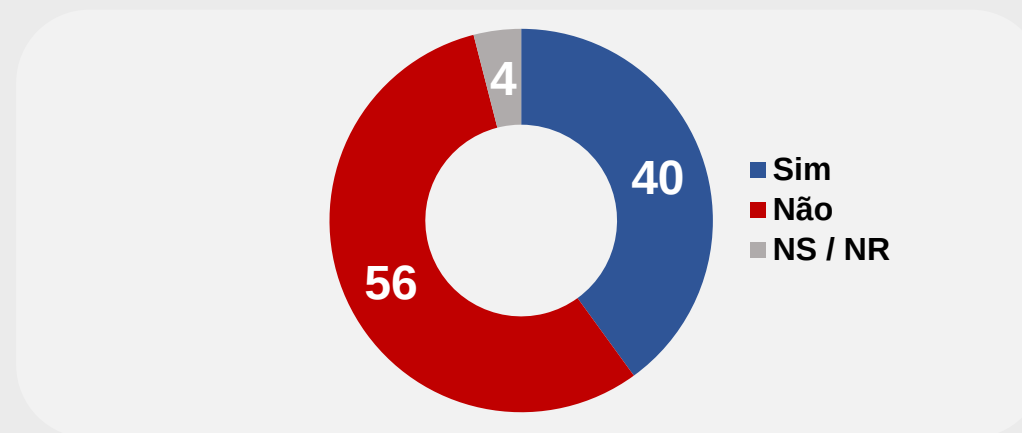
Quando questionadas se já sofreram ou conhecem alguém que sofreu assédio moral no local de trabalho por ser mulher, 40% das entrevistadas responderam afirmativamente. Percentual muito similar ao das que

apontam o assédio sexual também no ambiente profissional (38%). Embora não sejam majoritários, são números bastantes expressivos e servem de alerta.

E o que chama ainda mais atenção é que, em ambos os casos, somente um terço (33%) disse ter havido denúncia do crime, numa evidente demonstração de que paira o silêncio e a omissão.

Por segmentos, são as mulheres de maiores níveis de escolaridade e de renda as que declararam a experiência pessoal ou de terceiras com o assédio moral ou sexual no ambiente de trabalho. Também encontram-se entre essas os maiores percentuais de alusão à denúncia.

Gráfico 19
EXPERIÊNCIA OU CONHECIMENTO DE VÍTIMAS DE ASSÉDIO MORAL NO AMBIENTE DE TRABALHO (%)



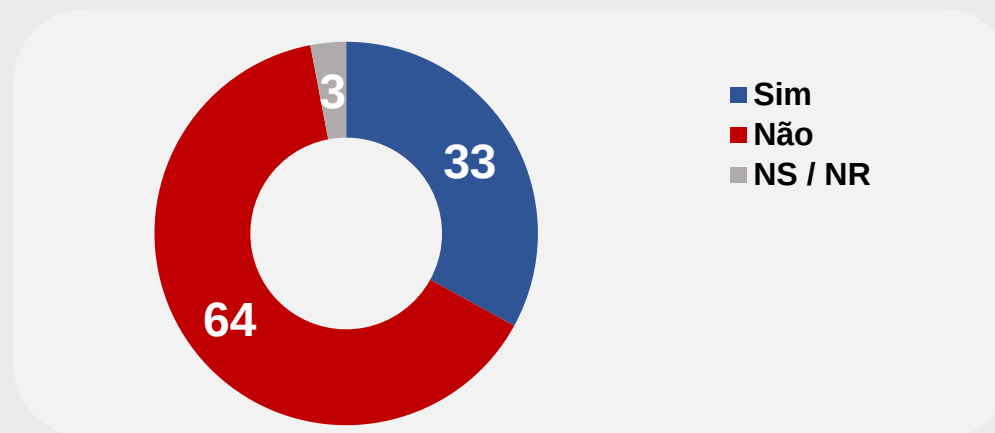
Contingente significativo de 40% das entrevistadas reconhece ter sido vítima de assédio moral no trabalho ou conhecer alguma, número que cresce para 45% nos segmentos de maior instrução e renda.

Tabela 19
EXPERIÊNCIA OU CONHECIMENTO DE VÍTIMAS DE ASSÉDIO MORAL NO AMBIENTE DE TRABALHO (%)

(%)	TOTAL	IDADE				INSTRUÇÃO			RENDA FAMILIAR		
		18 A 24 ANOS	25 A 44 ANOS	45 A 59 ANOS	60 ANOS OU MAIS	FUNDA-MENTAL	ENSINO MÉDIO	SUPERIOR	ATÉ 2 SM	2-5 SM	+ DE 5 SM
Sim	40	40	44	41	30	38	39	45	39	39	45
Não	56	52	53	56	66	58	56	51	57	57	51
Não sabe / Não respondeu	4	8	4	2	4	5	4	3	4	4	4

Pergunta: Especificamente quanto ao seu local de trabalho ou atividade profissional, a Sra pessoalmente ou conhece alguém que sofreu algum tipo de assédio moral por ser mulher?

Gráfico 20
DENÚNCIA SOBRE O ASSÉDIO MORAL NO AMBIENTE DE TRABALHO (%)



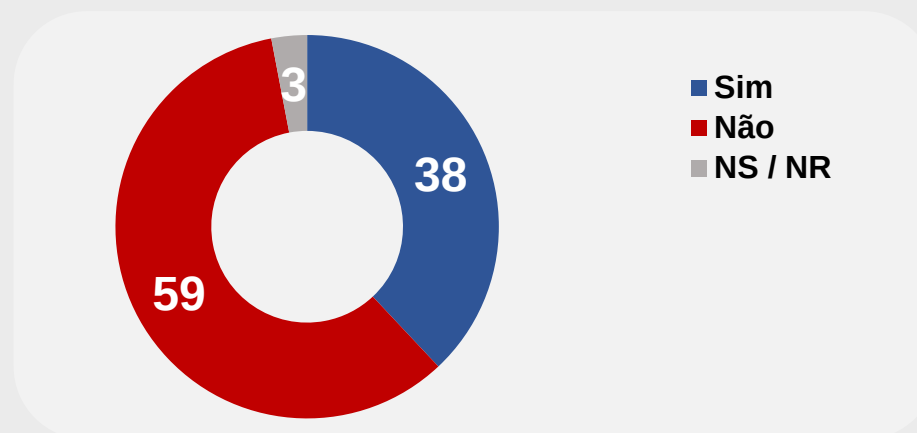
Chama atenção o baixo percentual de denúncia dos casos de assédio moral no trabalho, alcançando o patamar dos 40% apenas na idade de 60 anos e mais, e na renda mais alta. Já os menores percentuais encontram-se entre as jovens de 18 a 24 anos e as que têm escolaridade fundamental.

Tabela 20
DENÚNCIA SOBRE O ASSÉDIO MORAL NO AMBIENTE DE TRABALHO (%)

(%)	TOTAL	IDADE				INSTRUÇÃO			RENDA FAMILIAR		
		18 A 24 ANOS	25 A 44 ANOS	45 A 59 ANOS	60 ANOS OU MAIS	FUNDA-MENTAL	ENSINO MÉDIO	SUPERIOR	ATÉ 2 SM	2-5 SM	+ DE 5 SM
Sim	33	19	33	36	42	27	36	37	30	32	40
Não	64	75	64	62	56	69	61	62	66	64	59
Não sabe / Não respondeu	3	6	3	2	2	4	4	1	3	4	1

Pergunta: Nesse caso, a Sra ou a pessoa que sofreu assédio moral denunciou ao setor de Recursos Humanos ou aos gestores da empresa?

Gráfico 21
EXPERIÊNCIA OU CONHECIMENTO DE VÍTIMAS DE ASSÉDIO SEXUAL NO AMBIENTE DE TRABALHO



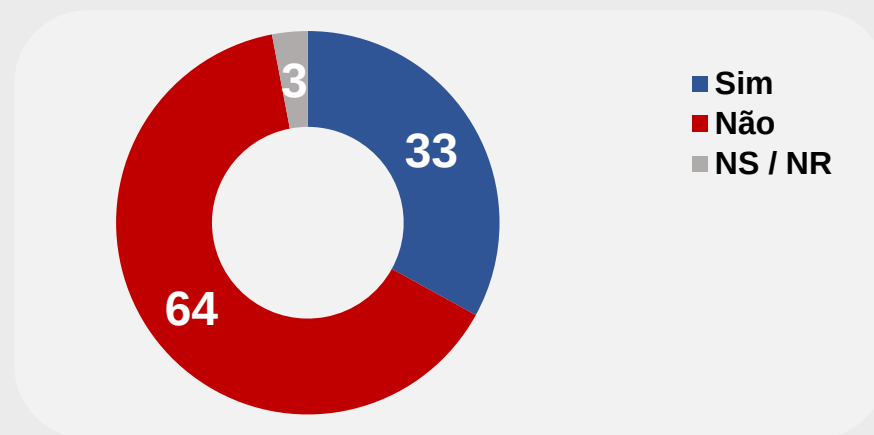
A experiência ou conhecimento em relação a situações de assédio sexual no trabalho é similar àquelas de assédio moral. Os percentuais chegam ou superam à marca dos 40% entre as mais jovens, com instrução e renda mais elevadas.

Tabela 21
EXPERIÊNCIA OU CONHECIMENTO DE VÍTIMAS DE ASSÉDIO SEXUAL NO AMBIENTE DE TRABALHO

(%)	TOTAL	IDADE				INSTRUÇÃO			RENDA FAMILIAR		
		18 A 24 ANOS	25 A 44 ANOS	45 A 59 ANOS	60 ANOS OU MAIS	FUNDA-MENTAL	ENSINO MÉDIO	SUPERIOR	ATÉ 2 SM	2-5 SM	+ DE 5 SM
Sim	38	42	41	38	30	38	36	43	37	39	41
Não	59	56	57	59	68	59	62	55	60	59	57
Não sabe / Não respondeu	3	2	3	2	2	3	2	1	3	3	2

Pergunta: A Sra pessoalmente ou conhece alguém que sofreu algum tipo de assédio sexual no seu trabalho por ser mulher?

Gráfico 22
DENÚNCIA SOBRE O ASSÉDIO SEXUAL NO AMBIENTE DE TRABALHO (%)



Os números totais relativos à denúncia são rigorosamente iguais aos do assédio sexual, mas crescem na faixa de 45 a 59 anos e nos estratos de maior instrução e renda (percentuais próximos ou superiores a 40%).

Tabela 22
DENÚNCIA SOBRE O ASSÉDIO SEXUAL NO AMBIENTE DE TRABALHO (%)

IDADE	INSTRUÇÃO	REDA FAMILIAR	TOTAL	18 A 24 ANOS	25 A 44 ANOS	45 A 59 ANOS	60 ANOS OU MAIS	FUNDA-MENTAL	ENSINO MÉDIO	SUPERIOR	ATÉ 2 SM	2-5 SM	+ DE 5 SM
Sim	33	26	32	40	35	26	36	39	28	34	43		
Não	64	69	66	57	62	71	60	60	69	63	54		
Não sabe / Não respondeu	3	5	2	3	3	3	4	1	3	3	3		

Pergunta: Nesse caso, a Sra ou a pessoa que sofreu assédio sexual denunciou ao setor de Recursos Humanos ou aos gestores da empresa?



05

BUSCA POR AJUDA E PROTEÇÃO SOCIAL



Somente uma minoria recorre a órgãos oficiais e policiais para procurar ajuda ou denunciar.

Metade das entrevistadas (51%) acredita que as mulheres vítimas de agressão, assédio ou ameaça não procuram ajuda ou denunciam junto a órgãos oficiais ou policiais; essa atitude é de somente 30% das vítimas. Além desses, 14% buscam apoio informal de amigos, familiares ou conhecidos; e apenas 1% procura os diretores/gestores das empresas ou instituições onde ocorreu o fato.

Na opinião da maioria isso acontece principalmente em função do medo de represália/perseguição (59%), sentimento

que sinaliza uma relação de poder entre o agressor e a vítima. Uma relação assimétrica ou de dependência com o agressor também está na base de duas outras respostas: não perder ou se prejudicar no trabalho (11%), e depender financeiramente do agressor (2%). Outros contingentes significativos: um quinto (19%) refere-se à vergonha, 15% expressam o medo de que não acreditem no fato e 10% citam a falta de confiança na Justiça (10%).

A Delegacia da Mulher é a referência mais positiva em termos de proteção e apoio nas situações de violência de gênero, sendo citada por quase oito em cada dez entrevistadas como a principal opção a recorrer; enquanto a delegacia comum obtém apenas 2% das menções.

Quando solicitadas a opinar sobre quais medidas jurídicas devem ser tomadas em relação ao homem que comete violência contra mulher, prevalece uma demanda punitiva e 45% indicam a prisão – as casadas (49%) defendem mais do que as solteiras (44%) a prisão como medida em relação aos agressores; assim como as evangélicas (50%) comparativamente às católicas (45%).

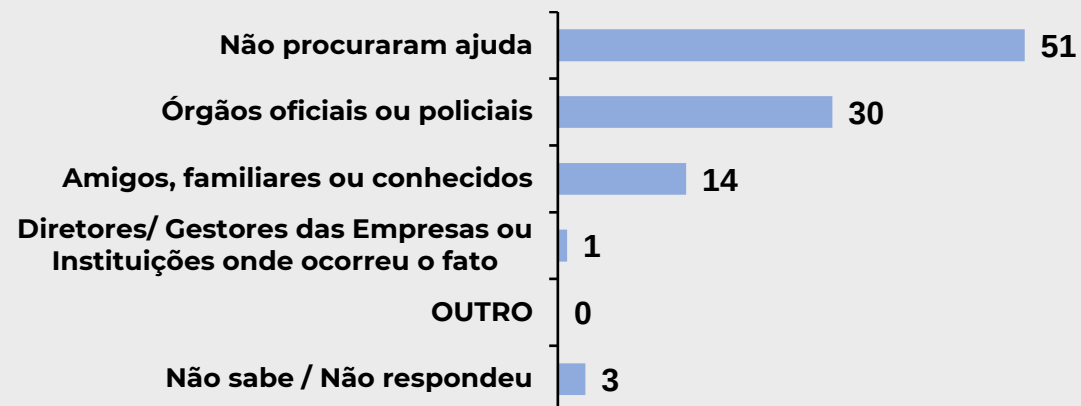
Bem atrás estão as medidas protetivas (8%), a participação em grupos de reeducação (3%) e o uso de tornozeleira eletrônica (2%). Para 40%, deve-se aplicar todos esses dispositivos.

Sobre a Legislação, 69% reconhecem que mudanças ocorridas nos últimos anos, como a Lei Maria da Penha, têm contribuído para a igualdade e o combate à violência contra a

mulher, ao passo que 29% acreditam que tais mudanças não contribuíram ou contribuíram pouco. Essa percepção negativa é maior na faixa etária de 60 anos ou mais (38%).

Dentre as ações voltadas à proteção das mulheres, a Campanha Sinal Vermelho contra a violência doméstica da Associação dos Magistrados Brasileiros (AMB) em parceria com o Conselho Nacional de Justiça (CNJ) é conhecida por 60% das entrevistadas. Esse conhecimento é maior entre mulheres de 60 anos ou mais (68%), com ensino superior (68%) e com renda familiar acima de 5 salários mínimos (67%).

Gráfico 23
BUSCA POR AJUDA (%)



As mulheres a partir de 60 anos e com maior escolaridade são as que mais acreditam que as vítimas de violência não procuram ajuda; enquanto aquelas com 25 a 44 anos, de instrução fundamental e renda Até 2 SM são as que mais mencionam os órgãos oficiais e policiais como os mais procurados em busca de ajuda e proteção.

Tabela 23
BUSCA POR AJUDA (%)

(%)	TOTAL	IDADE				INSTRUÇÃO			RENDA FAMILIAR		
		18 A 24 ANOS	25 A 44 ANOS	45 A 59 ANOS	60 ANOS OU MAIS	FUNDA-MENTAL	ENSINO MÉDIO	SUPERIOR	ATÉ 2 SM	2-5 SM	+ DE 5 SM
Não procuraram ajuda	51	44	50	53	56	48	52	54	49	53	53
Órgãos oficiais ou policiais	30	31	33	29	26	33	28	30	33	27	30
Amigos, familiares ou conhecidos	14	20	13	14	13	14	15	12	15	14	12
Diretores/ Gestores das Empresas ou Instituições onde ocorreu o fato	1	1	1	1	1	1	1	0	1	1	0
OUTRO	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	1
Não sabe / Não respondeu	3	5	3	3	4	3	4	3	2	4	4

Pergunta: . Pelo que sabe ou ouve falar, as mulheres vítimas de agressão, assédio ou ameaça geralmente procuram ajuda ou denunciam junto a:

Gráfico 24
MOTIVOS PARA NÃO BUSCAREM AJUDA OU NÃO DENUNCIAREM (%) – ESPONTÂNEA - ATÉ DUAS RESPOSTAS



Pergunta: Por quais motivos a Sra acha que algumas mulheres agredidas ou assediadas em qualquer local ou situação não procuram ajuda ou não denunciam? (ATÉ DUAS RESPOSTAS)

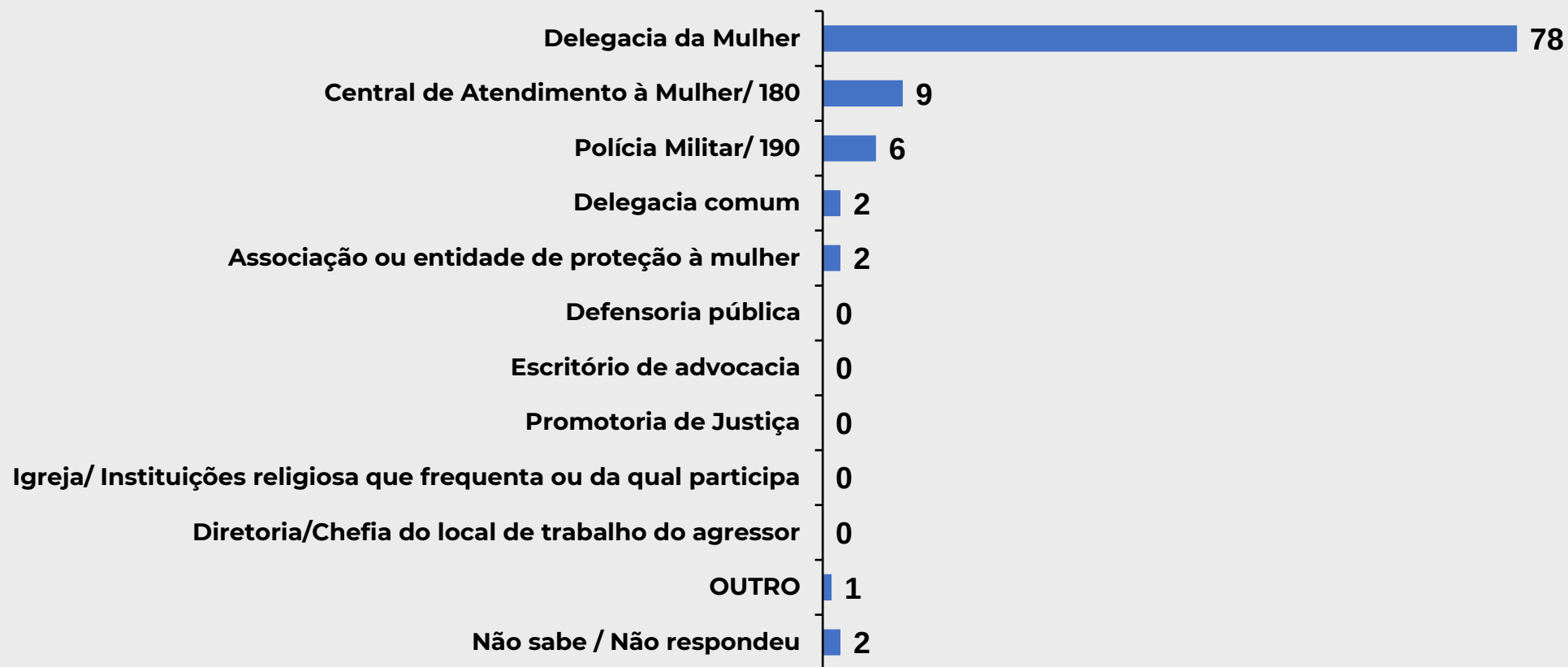
O medo de represália/perseguição, como motivo para não procurar ajuda ou denunciar, é maior entre as mulheres jovens, com ensino médio e renda até 2 SM. Já a vergonha ou o desejo de não se expor são declarados motivos por 24% e 26%, respectivamente, nas faixas de idade de 45 a 59 anos e 60 anos e mais.

Tabela 24
MOTIVOS PARA NÃO BUSCAREM AJUDA OU NÃO DENUNCIAREM (%) – ESPONTÂNEA - ATÉ DUAS RESPOSTAS

MOTIVOS (%)	TOTAL	IDADE				INSTRUÇÃO			RENDA FAMILIAR		
		18 A 24 ANOS	25 A 44 ANOS	45 A 59 ANOS	60 ANOS OU MAIS	FUNDA-MENTAL	ENSINO MÉDIO	SUPERIOR	ATÉ 2 SM	2-5 SM	+ DE 5 SM
Medo de represália/Perseguição	59	61	59	59	59	59	63	54	61	60	55
Vergonha ou para não se expor	19	12	16	24	26	18	21	16	17	21	19
Medo de que não acreditem no fato	15	19	17	10	12	15	12	19	13	18	15
Para não perderem o trabalho/Se prejudicarem no trabalho	11	7	12	14	11	9	9	19	9	12	14
Não confiam na Justiça/ Na aplicação das leis	10	7	11	11	7	10	10	9	10	7	12
Dependência financeira do(a) agressor(a)	2	1	1	1	4	2	2	1	2	1	2
Acreditam ser um caso isolado, que não vai se repetir	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	1
Não confiam na polícia	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	1
Acham que podem lidar com a situação sozinhas	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0
Não sabe / Não respondeu	3	5	4	4	0	3	4	3	3	4	3

Pergunta: Por quais motivos a Sra acha que algumas mulheres agredidas ou assediadas em qualquer local ou situação não procuram ajuda ou não denunciam? (ATÉ DUAS RESPOSTAS)

Gráfico 25
ÓRGÃOS, INSTITUIÇÕES OU AUTORIDADES A RECORRER (%)



Pergunta: Em situações de violência ou assédio, a que órgãos, instituições ou autoridades a Sra recorrerá ou a vítima deveria recorrer ou denunciar?

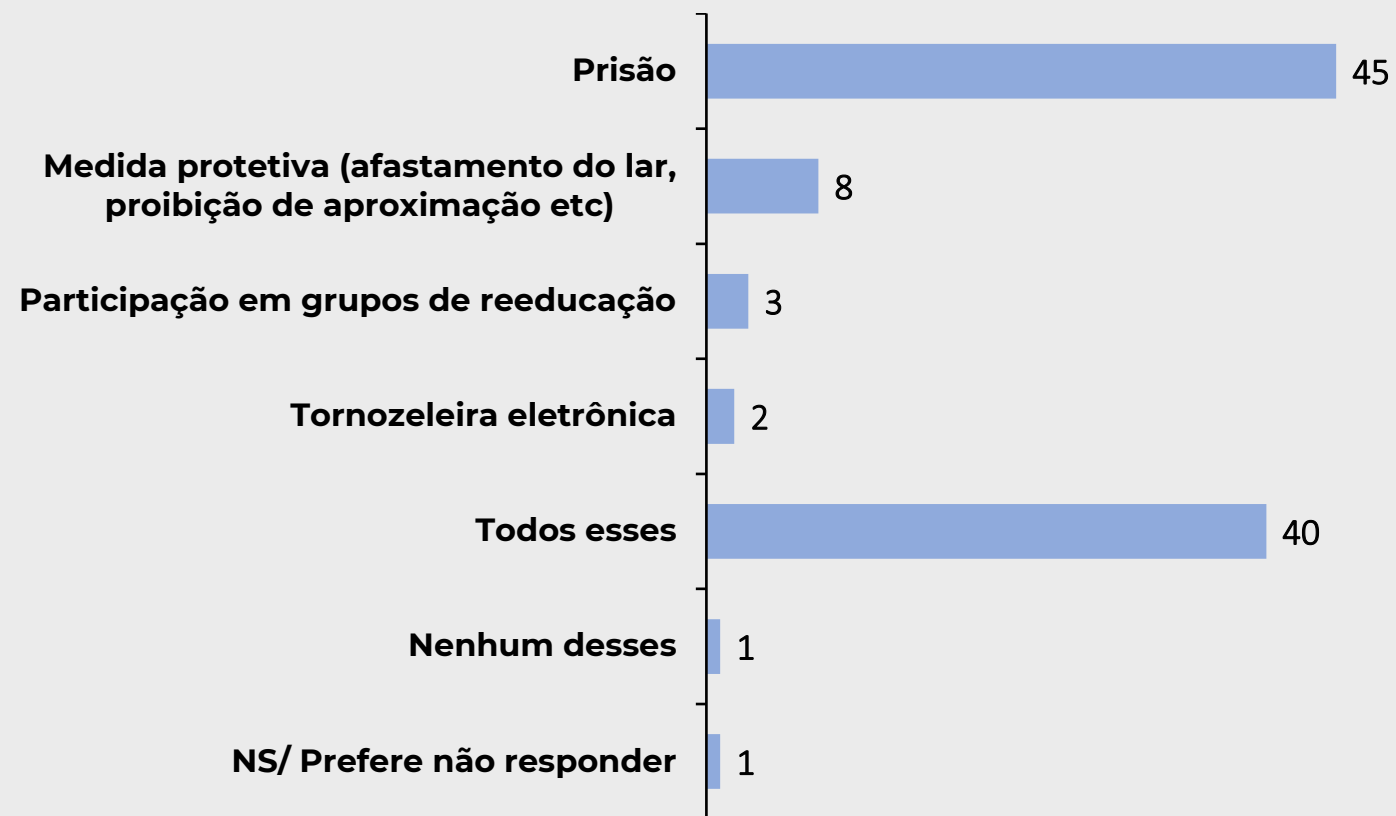
A confiança na Delegacia da Mulher para buscar apoio e denunciar é superlativa em todos os segmentos, e atinge o patamar de 80% na faixa etária de 25 a 44 anos, com ensino superior e renda acima de 5 SM.

Tabela 25
ÓRGÃOS, INSTITUIÇÕES OU AUTORIDADES A RECORRER (%)

(%)	TOTAL	IDADE				INSTRUÇÃO			RENDIA FAMILIAR		
		18 A 24 ANOS	25 A 44 ANOS	45 A 59 ANOS	60 ANOS OU MAIS	FUNDA-MENTAL	ENSINO MÉDIO	SUPERIOR	ATÉ 2 SM	2-5 SM	+ DE 5 SM
Delegacia da Mulher	78	75	81	78	75	76	78	81	77	78	81
Central de Atendimento à Mulher/ 180	9	10	9	8	8	10	7	9	10	7	9
Polícia Militar/ 190	6	7	5	6	7	6	7	4	6	7	5
Delegacia comum	2	3	3	2	1	3	2	2	3	2	2
Associação ou entidade de proteção à mulher	2	2	1	2	3	2	1	1	2	1	1
Defensoria pública	0	0	0	1	1	0	0	1	0	1	1
Escritório de advocacia	0	0	0	0	1	1	0	0	1	0	0
Promotoria de Justiça	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0
Igreja/ Instituições religiosa que frequenta ou da qual participa	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Diretoria/Chefia do local de trabalho do agressor	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
OUTRO	1	1	0	0	1	1	0	0	1	1	0
Não sabe / Não respondeu	2	2	1	2	3	1	2	1	1	3	2

Pergunta: Em situações de violência ou assédio, a que órgãos, instituições ou autoridades a Sra recorreria ou a vítima deveria recorrer ou denunciar?

Gráfico 26
MEDIDAS JURÍDICAS EM RELAÇÃO AO HOMEM QUE COMETE VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER (%) – ESTIMULADA – RESPOSTA ÚNICA



Pergunta: Na sua opinião, dessas que eu vou falar que tipo de medida jurídica deveria ser tomada em relação ao homem que comete violência contra a mulher? (ÚNICA)

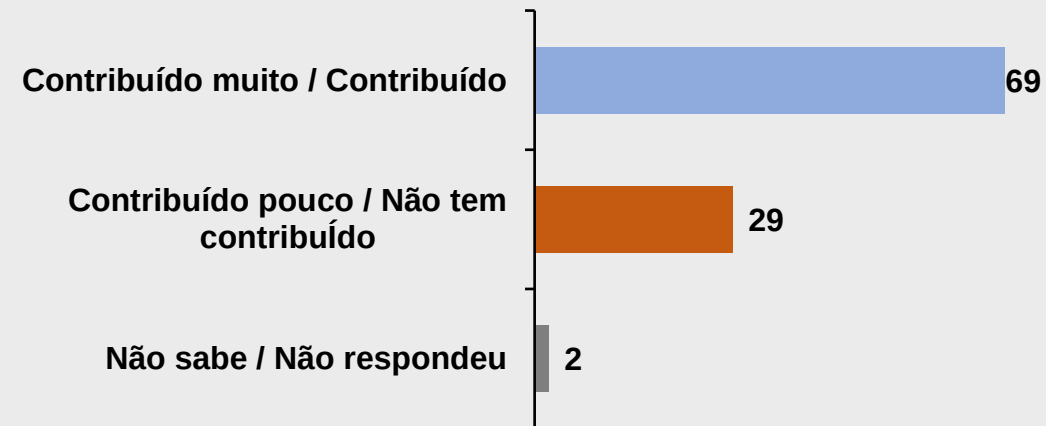
A prisão é a punição aos homens que cometem violência demandada por mulheres dos diversos perfis demográficos.

Tabela 26
MEDIDAS JURÍDICAS EM RELAÇÃO AO HOMEM QUE COMETE VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER (%) – ESTIMULADA – RESPOSTA ÚNICA

(%)	TOTAL	IDADE				INSTRUÇÃO			RENDA FAMILIAR		
		18 A 24 ANOS	25 A 44 ANOS	45 A 59 ANOS	60 ANOS OU MAIS	FUNDA-MENTAL	ENSINO MÉDIO	SUPERIOR	ATÉ 2 SM	2-5 SM	+ DE 5 SM
Prisão	45	45	46	44	46	45	47	43	45	45	46
Medida protetiva (afastamento do lar, proibição de aproximação etc)	8	5	8	6	10	10	6	7	9	6	8
Participação em grupos de reeducação	3	1	1	4	8	2	3	4	2	3	4
Tornozeleira eletrônica	2	1	1	3	4	2	2	2	2	2	1
Todos esses	40	45	43	40	31	39	40	43	40	41	41
Nenhum desses	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1
NS/ Prefere não responder	1	1	1	1	1	1	1	0	1	1	1

Pergunta: Na sua opinião, dessas que eu vou falar que tipo de medida jurídica deveria ser tomada em relação ao homem que comete violência contra a mulher? (ÚNICA)

Gráfico 27
OPINIÃO SOBRE CONTRIBUIÇÃO DA LEGISLAÇÃO (SURGIMENTO DA LEI MARIA DA PENHA) (%)



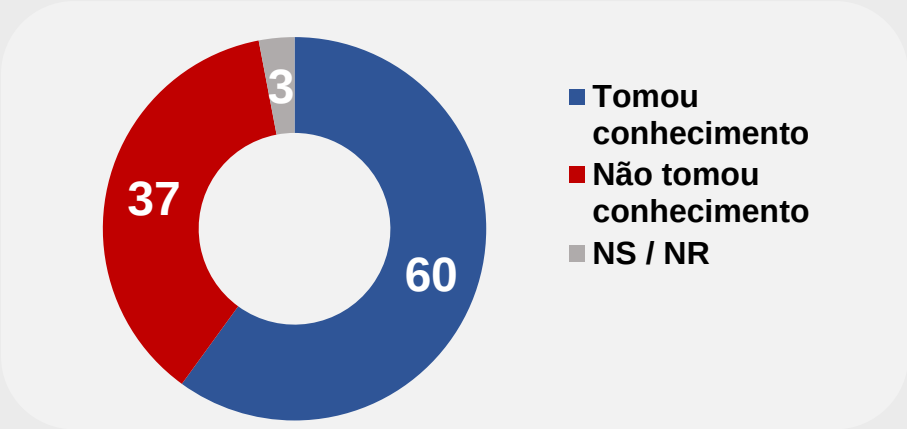
As mulheres acima de 60 anos são as que menos acreditam que a legislação brasileira tem contribuído para a igualdade de gênero.

Tabela 27
OPINIÃO SOBRE CONTRIBUIÇÃO DA LEGISLAÇÃO (SURGIMENTO DA LEI MARIA DA PENHA) (%)

Opinião (%)	TOTAL	IDADE				INSTRUÇÃO			RENDA FAMILIAR		
		18 A 24 ANOS	25 A 44 ANOS	45 A 59 ANOS	60 ANOS OU MAIS	FUNDA-MENTAL	ENSINO MÉDIO	SUPERIOR	ATÉ 2 SM	2-5 SM	+ DE 5 SM
Contribuído muito / Contribuído	69	74	71	70	59	67	69	72	68	71	69
Contribuído pouco / Não tem contribuído	29	23	28	29	38	30	29	28	30	27	30
Não sabe / Não respondeu	2	3	1	2	3	3	2	1	2	3	1

Pergunta: A Sra acredita ou não que as mudanças na legislação brasileira, como o surgimento da Lei Maria da Penha, têm contribuído muito, contribuído, contribuído pouco ou não tem contribuído para a igualdade e o combate à violência contra a mulher?

Gráfico 28
CONHECIMENTO DA CAMPANHA SINAL VERMELHO (%)



A campanha Sinal Vermelho Contra a Violência Doméstica é de conhecimento maior das mulheres acima de 60 anos, com escolaridade superior e renda acima de 5 SM.

Tabela 28
CONHECIMENTO DA CAMPANHA SINAL VERMELHO (%)

(%)	TOTAL	IDADE				INSTRUÇÃO			RENDA FAMILIAR		
		18 A 24 ANOS	25 A 44 ANOS	45 A 59 ANOS	60 ANOS OU MAIS	FUNDA-MENTAL	ENSINO MÉDIO	SUPERIOR	ATÉ 2 SM	2-5 SM	+ DE 5 SM
Tomou conhecimento	60	48	60	64	68	56	61	68	55	64	67
Não tomou conhecimento	37	43	38	34	32	41	37	30	42	33	30
Não respondeu	3	9	2	2	1	4	3	2	3	3	3

Pergunta: A Sra tomou conhecimento ou não a respeito da Campanha Sinal Vermelho contra a violência doméstica, lançada pela Associação dos Magistrados Brasileiros – AMB, em parceria com o Conselho Nacional de Justiça (CNJ), em que vítimas desenham um “X” vermelho na palma da mão como forma de denunciar nas farmácias que sofrem violência doméstica?



06

ÍCONES DA LUTA PELA IGUALDADE DE GÊNERO E OPINIÃO SOBRE O MOVIMENTO FEMINISTA

Elevado reconhecimento do impacto positivo do movimento feminista na igualdade de direitos e oportunidades das mulheres e na vida pessoal.

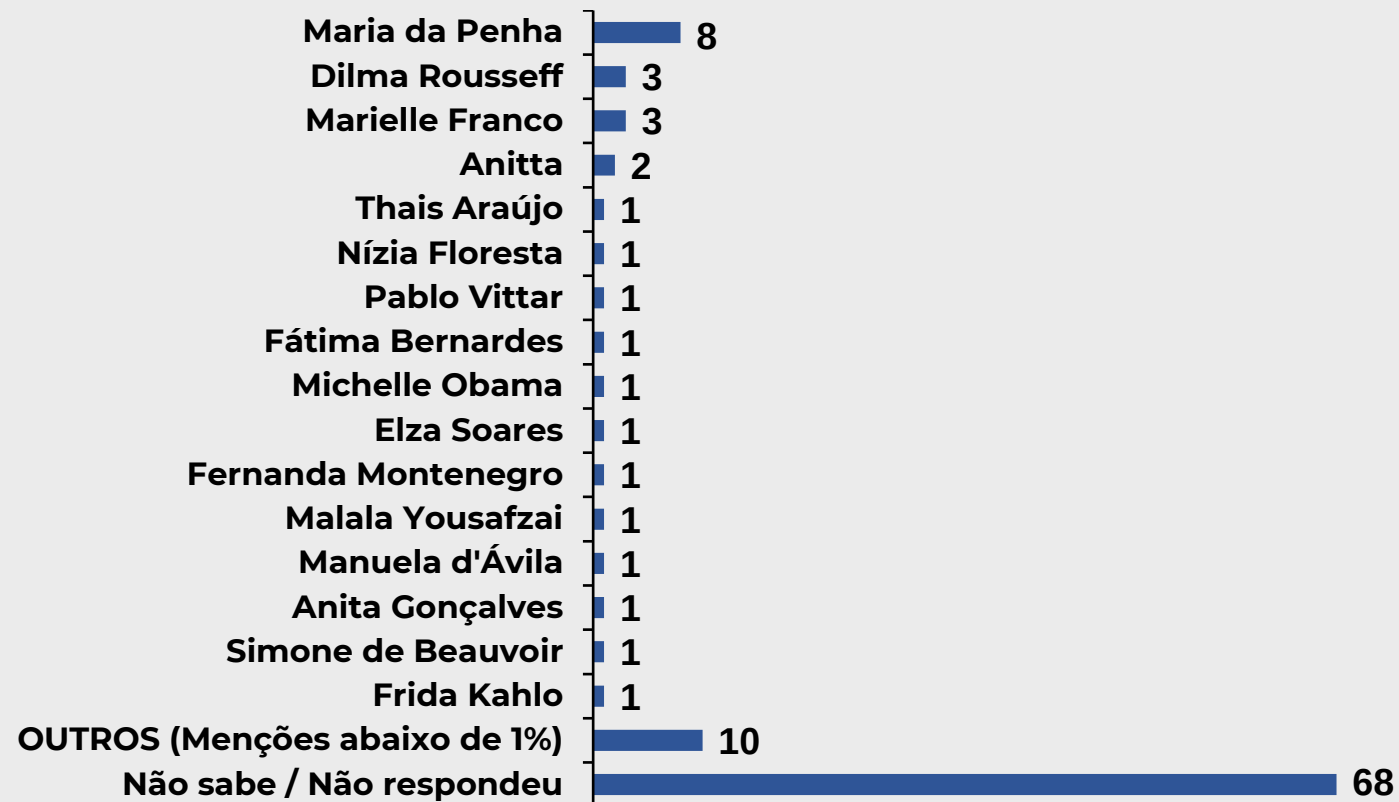
Em questão espontânea, quase sete em cada dez entrevistadas (68%) não sabem citar qualquer personalidade de destaque no tema de igualdade de gênero. Entre as poucas menções, aparecem os nomes de Maria da Penha (8%), Dilma Rousseff (3%), Marielle Franco (3%) e Anitta (2%).

Em consonância com as menções acima, são citados como acontecimentos que representaram avanços para as mulheres no Brasil a Lei Maria da Penha (50%), o direito ao voto (19%) e a entrada mais significativa da mulher no mercado de trabalho (10%). Outros avanços considerados importantes são: a eleição de Dilma Rousseff à Presidência da República (6%); o maior acesso à educação (7%); e a pílula anticoncepcional (4%).

64% das entrevistadas consideram o feminismo um fator de impacto “positivo e muito positivo” na busca pela igualdade de direitos e oportunidades para as mulheres – uma diferença a ressaltar se dá entre as católicas (71%) e as evangélicas (55%) que acreditam no impacto desse movimento na busca pela igualdade de direitos e oportunidades para as mulheres.

Já quando questionadas sobre o impacto do feminismo na vida pessoal de cada uma, a atribuição de impacto “positivo e muito positivo” diminui um pouco (56%); um quarto diz que foi “indiferente” (26%); e outras poucas (2%) consideram “negativo e muito negativo”. Para a faixa dos 18 a 24 anos, o impacto do movimento feminista na vida pessoal das entrevistadas é maior (63%), enquanto 33% das mulheres de 60 anos ou mais afirmam que o impacto lhes foi indiferente. As pretas (61%) também acreditam mais do que as brancas (56%) e pardas (56%) que o movimento feminista teve um impacto positivo ou muito positivo nas suas experiências de vida; assim como as solteiras (60%) mais do que as casadas (53%).

Gráfico 29
PERSONALIDADES EM DESTAQUE ASSOCIADAS AO TEMA DA IGUALDADE DE GÊNERO (%) – ESPONTÂNEA – ATÉ DUAS RESPOSTAS



Pergunta: Quando pensa em igualdade de gênero, com direitos e oportunidades iguais entre homens e mulheres no Brasil, a Sra lembra de quais personalidades que se destacam nesse tema?
 (ESPONTÂNEA – ATÉ 2 RESPOSTAS)

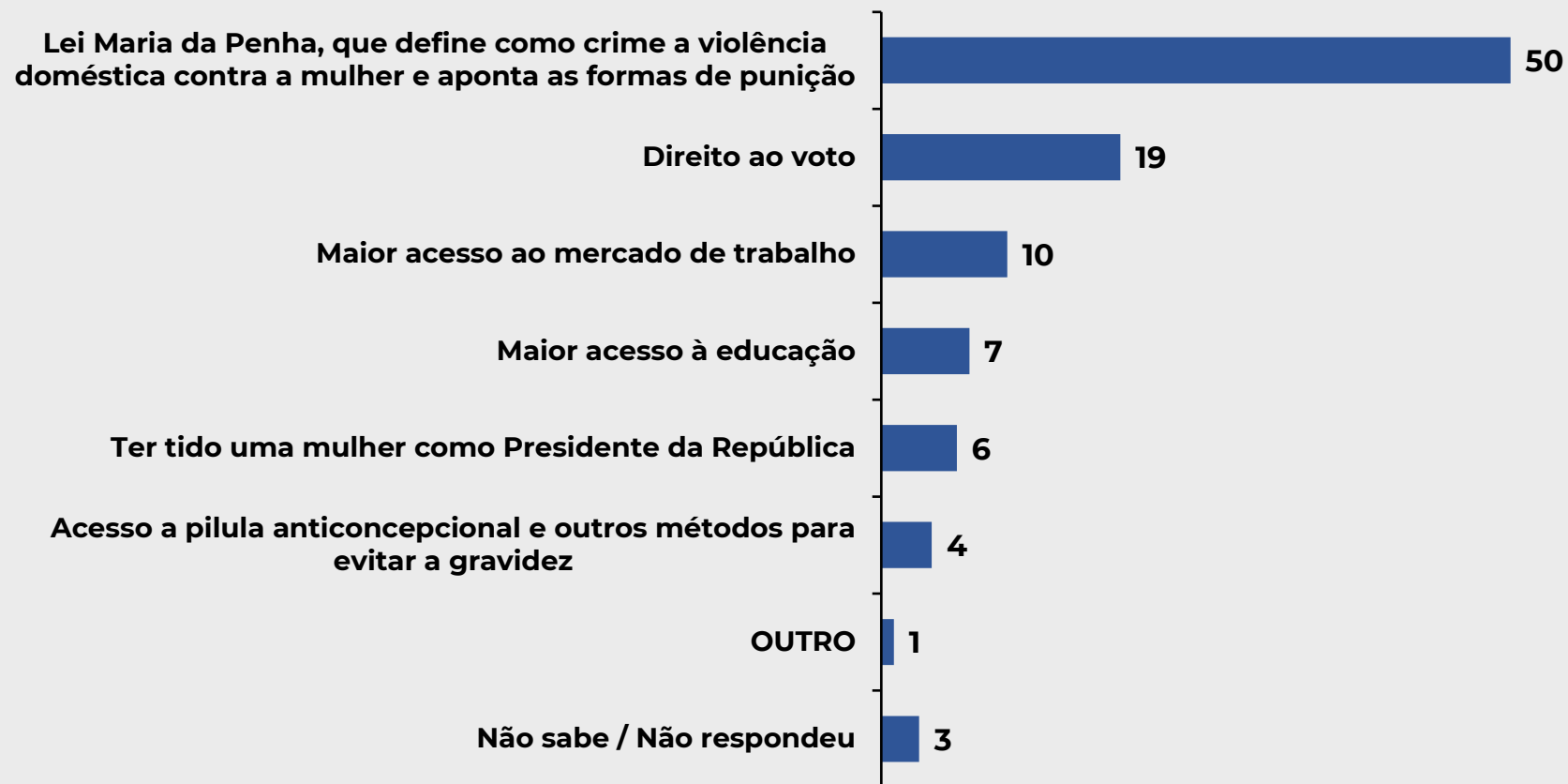
O nome de Maria da Penha é mais lembrado pelas mulheres que têm entre 45 e 59 anos, com ensino superior e renda acima de 2 SM.

Tabela 29
PERSONALIDADES EM DESTAQUE ASSOCIADAS AO TEMA DA IGUALDADE DE GÊNERO (%) – ESPONTÂNEA – ATÉ DUAS RESPOSTAS

PERSONALIDADES EM DESTAQUE ASSOCIADAS AO TEMA DA IGUALDADE DE GÊNERO (%)	TOTAL	IDADE				INSTRUÇÃO			RENDA FAMILIAR		
		18 A 24 ANOS	25 A 44 ANOS	45 A 59 ANOS	60 ANOS OU MAIS	FUNDA-MENTAL	ENSINO MÉDIO	SUPERIOR	ATÉ 2 SM	2-5 SM	+ DE 5 SM
Maria da Penha	8	5	8	13	6	7	9	10	7	10	10
Dilma Rousseff	3	5	3	3	3	3	4	3	3	5	1
Marielle Franco	3	3	3	4	4	4	3	2	4	3	2
Anitta	2	2	2	1	1	2	1	1	2	2	1
Thais Araújo	1	1	1	3	1	1	1	2	1	1	2
Nízia Floresta	1	2	1	1	1	2	0	0	1	0	1
Pablo Vittar	1	1	1	1	0	1	0	2	1	1	2
Fátima Bernardes	1	1	1	1	1	0	1	1	1	0	1
Michelle Obama	1	0	1	1	1	0	1	0	1	1	1
Elza Soares	1	0	1	1	0	1	0	1	1	1	0
Fernanda Montenegro	1	0	0	1	1	1	1	0	1	1	1
Malala Yousafzai	1	2	0	1	0	0	1	1	1	1	1
Manuela d'Ávila	1	1	1	0	1	1	1	1	1	0	1
Anita Gonçalves	1	0	1	0	0	0	1	1	0	1	1
Simone de Beauvoir	1	1	1	0	0	1	0	0	1	1	0
Frida Kahlo	1	1	1	0	1	1	0	0	1	1	0
OUTROS (Menções abaixo de 1%)	10	7	10	12	10	7	11	11	9	11	11
Não sabe / Não respondeu	68	70	68	62	73	71	66	65	70	65	67

Pergunta: Quando pensa em igualdade de gênero, com direitos e oportunidades iguais entre homens e mulheres no Brasil, a Sra lembra de quais personalidades que se destacam nesse tema?
(ESPONTÂNEA – ATÉ 2 RESPOSTAS)

Gráfico 30
MARCOS DO AVANÇO PARA AS MULHERES NO BRASIL (%)



Pergunta: Qual desses itens representou o maior avanço para as mulheres no Brasil?

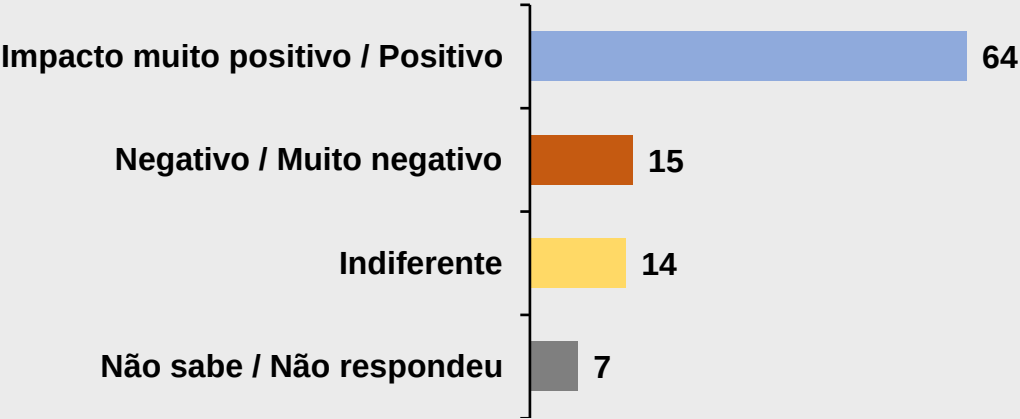
Entre as mulheres de 45 a 59 anos e com instrução superior a Lei Maria da Penha tem os maiores percentuais de menção como acontecimento que representa avanço para as mulheres no Brasil; já o Direito ao voto é considerado esse marco sobretudo na faixa de 18 e 24 anos.

Tabela 30
MARCOS DO AVANÇO PARA AS MULHERES NO BRASIL (%)

(%)	TOTAL	IDADE				INSTRUÇÃO			REND A FAMILIAR		
		18 A 24 ANOS	25 A 44 ANOS	45 A 59 ANOS	60 ANOS OU MAIS	FUNDA-MENTAL	ENSINO MÉDIO	SUPERIOR	ATÉ 2 SM	2-5 SM	+ DE 5 SM
Lei Maria da Penha, que define como crime a violência doméstica contra a mulher e aponta as formas de punição	50	46	51	54	47	49	49	53	50	49	50
Direito ao voto	19	28	19	17	13	20	18	18	20	17	18
Maior acesso ao mercado de trabalho	10	8	10	8	13	10	10	8	10	9	10
Maior acesso à educação	7	5	7	7	10	6	8	8	6	9	8
Ter tido uma mulher como Presidente da República	6	5	5	7	9	7	7	5	7	6	6
Acesso a pilula anticoncepcional e outros métodos para evitar a gravidez	4	2	4	5	5	3	4	6	3	5	6
OUTRO	1	1	1	1	2	1	1	1	1	1	1
Não sabe / Não respondeu	3	5	3	1	2	4	3	1	3	3	2

Pergunta: Qual desses itens representou o maior avanço para as mulheres no Brasil?

Gráfico 31
OPINIÃO SOBRE IMPACTO DO MOVIMENTO FEMINISTA NA BUSCA PELA IGUALDADE DE GÊNERO (%)



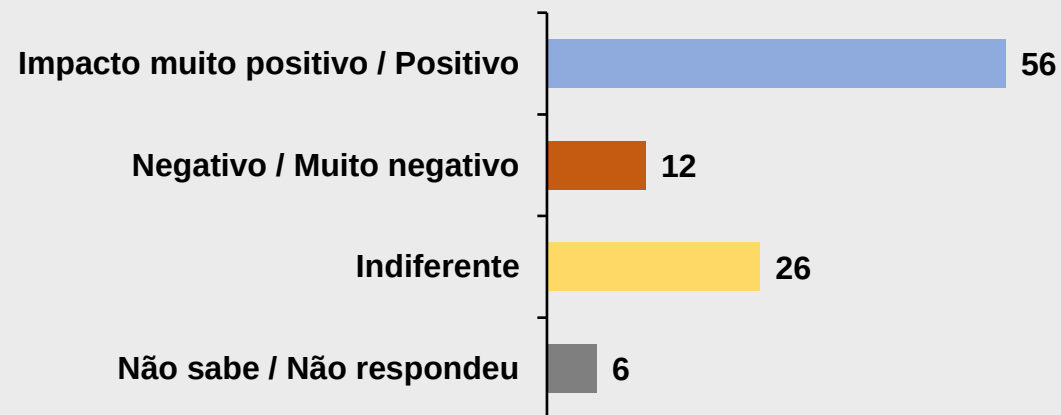
Elevada percepção em todos os segmentos do impacto positivo do movimento feminista na igualdade de direitos e oportunidades para as mulheres. Entre as jovens de 18 a 24 anos, há maior reconhecimento desse impacto.

Tabela 31
OPINIÃO SOBRE IMPACTO DO MOVIMENTO FEMINISTA NA BUSCA PELA IGUALDADE DE GÊNERO (%)

(%)	TOTAL	IDADE				INSTRUÇÃO			RENDA FAMILIAR		
		18 A 24 ANOS	25 A 44 ANOS	45 A 59 ANOS	60 ANOS OU MAIS	FUNDA-MENTAL	ENSINO MÉDIO	SUPERIOR	ATÉ 2 SM	2-5 SM	+ DE 5 SM
Impacto muito positivo / Positivo	64	68	65	65	59	63	65	66	64	66	63
Negativo / Muito negativo	15	14	15	14	15	15	14	16	15	13	18
Indiferente	14	7	13	17	17	14	14	13	14	13	14
Não sabe / Não respondeu	7	11	6	4	8	8	7	5	7	7	5

Pergunta: Na sua opinião o movimento feminista ou o feminismo teve um impacto muito positivo, positivo, negativo, muito negativo ou foi indiferente na busca pela igualdade de direitos e oportunidades para as mulheres?

Gráfico 32
OPINIÃO SOBRE IMPACTO DO MOVIMENTO FEMINISTA NAS EXPERIÊNCIAS DE VIDA PESSOAL (%)



A atribuição de impacto positivo ao feminismo na vida pessoal é menor do que o impacto geral na igualdade de gênero; ainda assim tem percentuais de 50% ou mais em todos os segmentos, alcançando o maior número entre as jovens de 18 a 24 anos.

Tabela 32
OPINIÃO SOBRE IMPACTO DO MOVIMENTO FEMINISTA NAS EXPERIÊNCIAS DE VIDA PESSOAL (%)

Opinião (%)	TOTAL	IDADE				INSTRUÇÃO			RENDA FAMILIAR		
		18 A 24 ANOS	25 A 44 ANOS	45 A 59 ANOS	60 ANOS OU MAIS	FUNDA-MENTAL	ENSINO MÉDIO	SUPERIOR	ATÉ 2 SM	2-5 SM	+ DE 5 SM
Impacto muito positivo / Positivo	56	63	56	56	50	55	55	59	55	58	55
Negativo / Muito negativo	12	12	14	10	11	13	11	12	13	11	13
Indiferente	26	15	24	30	33	23	27	26	25	26	28
Não sabe / Não respondeu	6	10	6	4	6	8	6	3	7	6	3

Pergunta: E pelo que a Sra sente, o feminismo teve um impacto muito positivo, positivo, negativo, muito negativo ou foi indiferente nas experiências da sua vida pessoalmente?



07

REPRESENTATIVIDADE E EXPECTATIVA SOBRE AÇÕES AFIRMATIVAS



O discurso meritocrático se sobrepõe às demandas por políticas afirmativas.

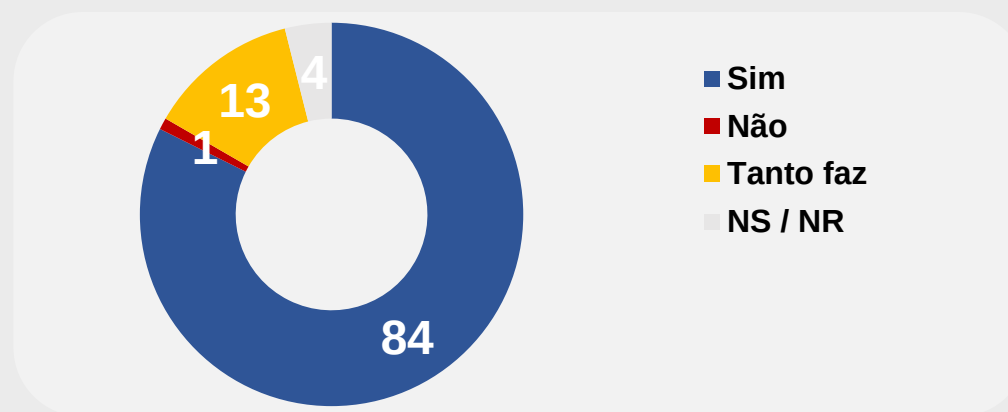
A grande maioria das respondentes (84%) afirma que as empresas deveriam ter mais mulheres integrando seus Conselhos, e 55% alegam que tais organizações deveriam estabelecer uma quantidade mínima obrigatória de mulheres para ocupar esses espaços. É expressiva, entretanto, a parcela que sustenta que não deveria ocorrer qualquer tipo de intervenção nesse sentido, deixando-se a ocupação dos cargos seguir os critérios da competência e do merecimento das mulheres (40%).

De forma similar, 70% das entrevistadas creem que o número de mulheres que ocupam cargos políticos e na administração

pública hoje é insuficiente. Não obstante, o percentual que defende ações afirmativas para garantir uma quantidade mínima obrigatória de mulheres na política (40%) é inferior ao daquelas que aderem à tese da meritocracia (55%). Vale assinalar um gap na variável religião, na qual as católicas (41%) acreditam mais do que as evangélicas (36%) que deveria haver ações afirmativas que garantissem maior número de mulheres na política.

Por fim, 63% das entrevistadas acreditam que a questão da igualdade de gênero irá melhorar ou melhorar muito nos próximos 10 anos. Alinhada à percepção de que o cenário atual é melhor do que o de 10 anos atrás, a impressão é a de que os avanços nesse campo são graduais e progressivos.

Gráfico 33
OPINIÃO SOBRE QUANTIDADE DE MULHERES NOS CONSELHOS DAS EMPRESAS (%)



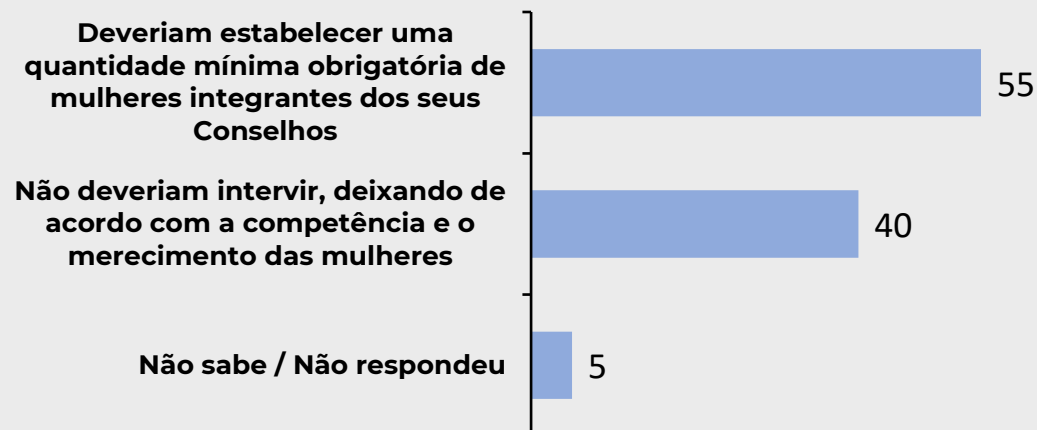
Mais de 80% das entrevistadas em todos os perfis demográficos creem que as empresas deveriam ter mais mulheres integrando seus Conselhos.

Tabela 33
OPINIÃO SOBRE QUANTIDADE DE MULHERES NOS CONSELHOS DAS EMPRESAS (%)

(%)Z	TOTAL	IDADE				INSTRUÇÃO			RENDA FAMILIAR		
		18 A 24 ANOS	25 A 44 ANOS	45 A 59 ANOS	60 ANOS OU MAIS	FUNDA-MENTAL	ENSINO MÉDIO	SUPERIOR	ATÉ 2 SM	2-5 SM	+ DE 5 SM
Sim	84	82	85	84	82	84	84	83	85	81	85
Não	1	2	1	1	1	1	1	2	1	2	1
Tanto faz	13	13	12	14	16	14	12	14	13	15	12
Não sabe / Não respondeu	2	3	2	1	1	1	3	1	1	3	2

Pergunta: Na sua opinião, as empresas deveriam ter mais mulheres integrando seus Conselhos, não deveriam ou tanto faz?

Gráfico 34
EXPECTATIVA SOBRE AÇÕES AFIRMATIVAS NAS EMPRESAS (%)



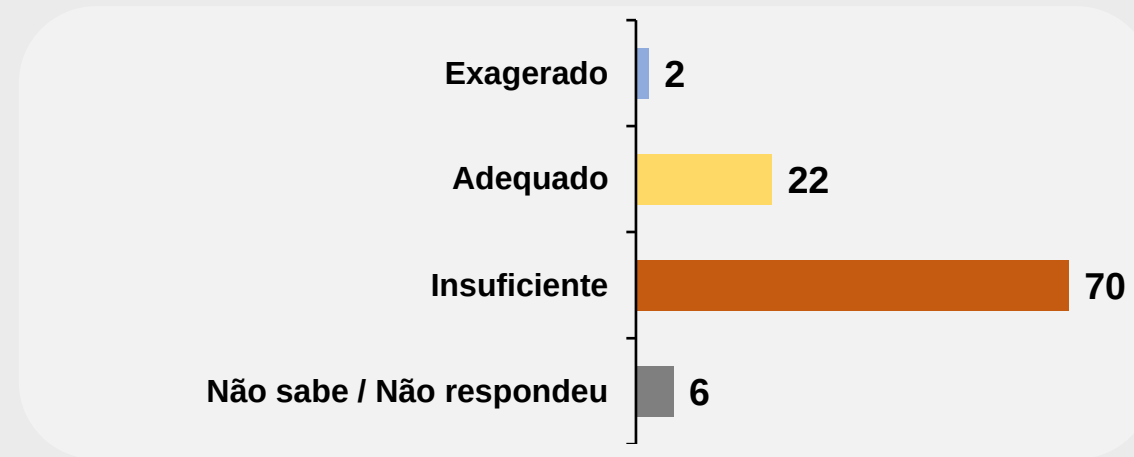
Novamente é homogênea a distribuição do perfil das mulheres que defendem a adoção de uma quantidade mínima de mulheres nos Conselhos das empresas através de ações afirmativas. Já as que mais defendem a tese da meritocracia são as de renda entre 2 e 5 SM.

Tabela 34
EXPECTATIVA SOBRE AÇÕES AFIRMATIVAS NAS EMPRESAS (%)

(%)	TOTAL	IDADE				INSTRUÇÃO			RENDA FAMILIAR		
		18 A 24 ANOS	25 A 44 ANOS	45 A 59 ANOS	60 ANOS OU MAIS	FUNDA - MENTAL	ENSINO MÉDIO	SUPERIOR	ATÉ 2 SM	2-5 SM	+ DE 5 SM
Deveriam estabelecer uma quantidade mínima obrigatória de mulheres integrantes dos seus Conselhos	55	56	55	54	53	56	52	57	57	49	57
Não deveriam intervir, deixando de acordo com a competência e o merecimento das mulheres	40	37	41	41	42	39	42	39	39	44	38
Não sabe / Não respondeu	5	7	4	5	5	5	5	4	4	7	5

Pergunta: A Sra acha que as empresas deveriam estabelecer uma quantidade mínima obrigatória de mulheres integrantes dos seus Conselhos ou as empresas não deveriam intervir, deixando isso de acordo com a competência e o merecimento das mulheres?

Gráfico 35
OPINIÃO SOBRE QUANTIDADE DE MULHERES EM CARGOS POLÍTICOS E NA ADMINISTRAÇÃO PÚBLICA (%)



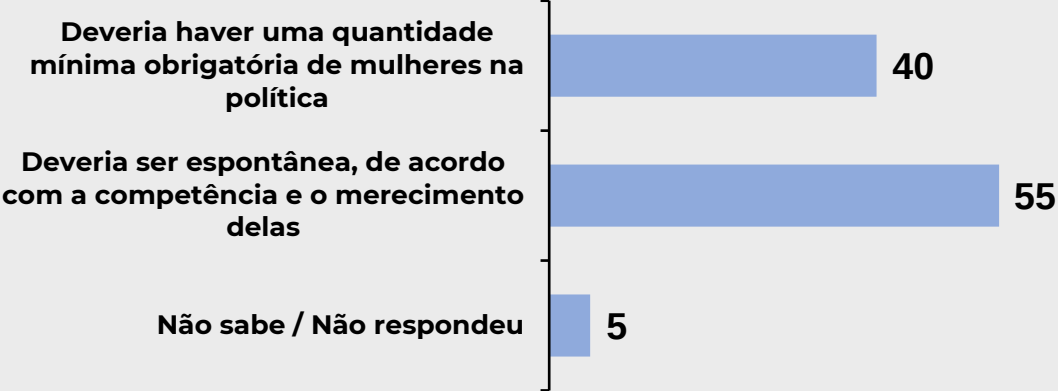
As mulheres com ensino superior e renda acima de 5 SM são as que mais apontam a baixa representatividade feminina no campo da política e da administração pública.

Tabela 35
OPINIÃO SOBRE QUANTIDADE DE MULHERES EM CARGOS POLÍTICOS E NA ADMINISTRAÇÃO PÚBLICA (%)

Opinião (%)	TOTAL	IDADE				INSTRUÇÃO			RENDA FAMILIAR		
		18 A 24 ANOS	25 A 44 ANOS	45 A 59 ANOS	60 ANOS OU MAIS	FUNDA-MENTAL	ENSINO MÉDIO	SUPERIOR	ATÉ 2 SM	2-5 SM	+ DE 5 SM
Exagerado	2	1	1	2	3	2	2	2	1	2	2
Adequado	22	25	22	21	20	24	22	19	24	20	20
Insuficiente	70	66	71	71	71	68	70	76	69	70	74
Não sabe / Não respondeu	6	9	5	6	5	7	6	4	6	8	4

Pergunta: Na sua opinião o número de mulheres que ocupam cargos políticos e na administração pública é: (ESTIMULADA)

Gráfico 36
EXPECTATIVA SOBRE AÇÕES AFIRMATIVAS NA POLÍTICA (%)



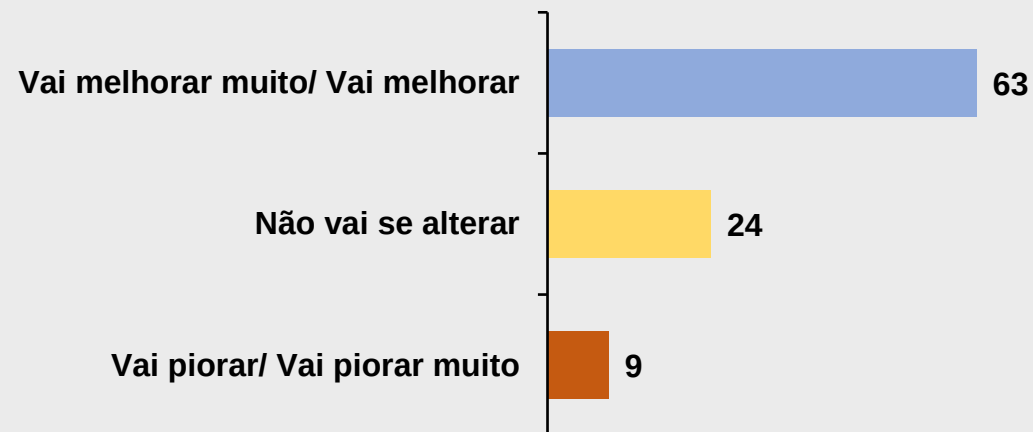
As mulheres com 60 anos ou mais são as que menos apoiam as ações afirmativas para garantir uma quantidade mínima de mulheres na política; ao passo que a maior adesão a esse tipo de ação se dá entre mulheres com instrução e renda mais elevadas.

Tabela 36
EXPECTATIVA SOBRE AÇÕES AFIRMATIVAS NA POLÍTICA (%)

(%)	TOTAL	IDADE				INSTRUÇÃO			RENDA FAMILIAR		
		18 A 24 ANOS	25 A 44 ANOS	45 A 59 ANOS	60 ANOS OU MAIS	FUNDA - MENTAL	ENSINO MÉDIO	SUPERIOR	ATÉ 2 SM	2-5 SM	+ DE 5 SM
Deveria haver uma quantidade mínima obrigatória de mulheres na política	40	44	43	36	33	41	34	49	39	37	46
Deveria ser espontânea, de acordo com a competência e o merecimento delas	55	46	52	60	64	53	61	49	55	57	51
Não sabe / Não respondeu	5	10	4	4	4	7	5	2	6	5	2

Pergunta: A Sra acha que deveria haver ações afirmativas, a exemplo de cotas, para garantir uma quantidade mínima obrigatória de mulheres na política ou a quantidade de mulheres na política deveria ser uma questão espontânea de acordo com a competência e o merecimento das candidatas?

Gráfico 37
EXPECTATIVA SOBRE A QUESTÃO DA IGUALDADE DE GÊNERO (%)



As mulheres de maior escolaridade e renda são as que mais acreditam que a igualdade de gênero no Brasil melhorará nos próximos 10 anos.

Tabela 37
EXPECTATIVA SOBRE A QUESTÃO DA IGUALDADE DE GÊNERO (%)

(%)	TOTAL	IDADE				INSTRUÇÃO			RENDA FAMILIAR		
		18 A 24 ANOS	25 A 44 ANOS	45 A 59 ANOS	60 ANOS OU MAIS	FUNDA-MENTAL	ENSINO MÉDIO	SUPERIOR	ATÉ 2 SM	2-5 SM	+ DE 5 SM
Vai melhorar muito/ Vai melhorar	63	66	65	59	59	58	64	69	61	64	67
Não vai se alterar	24	24	23	27	24	27	24	20	26	24	21
Vai piorar/ Vai piorar muito	9	6	8	10	11	10	8	7	9	7	9
Não sei/Prefiro não opinar	4	4	4	4	6	5	4	3	4	5	4

Pergunta: E nos próximos 10 anos, a Sra acha que essa questão da igualdade de direitos e oportunidades para homens e mulheres no país vai melhorar muito, melhorar, não vai se alterar, vai piorar ou piorar muito?



OBRIGADO!



FEBRABAN